

ASSINE INFORMAÇÃO

CRÍTICA DA



E tenha contato com o universo dos meios de comunicação visto por dentro. Jornais, revistas, rádio, televisão, cinema analisados criticamente em seis edições por ano. Assinatura anual: Cr\$ 3.000. Preencha o cupom abaixo e envie-o, junto com cheque nominal ou vale

postal para Costa Filho Editores Associados Ltda., à Rua Morgado Mateus, 579 - CEP 04015, São Paulo, SP (Se você não quiser estragar sua revista, copie os dados abaixo numa folha de papel e envie-a com o cheque).

Nome _____
Endereço _____
CEP _____ Cidade _____ Estado _____
Data _____
Assinatura _____

INFORMAÇÃO

CFA - Costa Filho Editores Associados
R. Morgado Mateus, 579
04015 - São Paulo - SP
Fones 549-5106/66-8384/67-0098

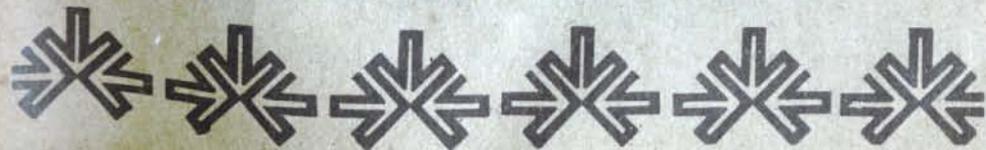
MARX, BOLÍVAR
E A COMUNICAÇÃO



BOLETIM   

44

INTERCOM



BOLETIM INTERCOM

Publicação bimestral editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM

Ano VI, nº 44 – Julho/Agosto de 1983

Editor: Carlos Eduardo Lins da Silva

Colaboradores: Gerson Moreira Lima
José Marques de Melo
Julio Worcman
Maria Christina da Silva Sousa
Tereza Lucia Halliday

Composição : ANSELMO – Ass. e Artes Gráficas. Tel.: 455-4755

Impressão: Gráfica da ECA – USP

Capa: Jorge Luis Salim

É permitida a reprodução de qualquer matéria, desde que citada a fonte.

INTERCOM

Diretoria (biênio 1981/1983)

Presidente – José Marques de Melo
Vice-presidente – Anamaria Fadul
Tesoureiro – J. S. Faro
Secretário geral – Rogério Bastos Cadengue
1º Secretário – Luis Fernando Santoro
2º Secretário – Roberto Peres Queiroz

Conselho Fiscal: Carlos Eduardo Lins da Silva, Isaac Epstein, José Manuel Morán Costas, Regina Festa e Vera Lucia Rodrigues.

Endereço: ECA-USP – Rua Profª Lucia Martins Rodrigues, 443 – Bloco A

Fone: 814-6211 – Cidade Universitária – São Paulo - SP

Correspondência: Caixa Postal 20793 – São Paulo 01498 – São Paulo, SP

ÍNDICE

Aos leitores	
Carta do presidente da INTERCOM	5
Carta do editor do Boletim	7
Eventos	
Marx e o Jornalismo – José Marques de Melo	9
Bolívar e a Comunicação – José Marques de Melo	12
Ensaio	
A releasmania – Gerson Moreira Lima	18
Resenha	
Quem influência quem – Tereza Lucia Halliday	20
Relato	
Uma biblioteca no Festival de Campos do Jordão – Maria Christina da Silva Sousa	21
Documentos	
Democratização dos meios de comunicação – FAMERJ	23
Incentivo ao Jornalismo Científico – CNPq	28
Crítica da Comunicação	
Carlos Eduardo Lins da Silva / José Marques de Melo	
Ensino	33
Jornais	36
Revistas	37
Discos	38
Rádio	38
Televisão	38
Cinema	39
Censura	40
Profissões	40
Internacional	41
Tecnologia	43
Gente	43
Noticiário da Intercom	45
Noticiário das escolas de comunicação	59
Encarte	
Bibliografia Corrente de Comunicação, nºs 39/40	

ASSINE

REVISTA DE CULTURA VOZES

Temática voltada para a interpretação da realidade brasileira, para a luta pela construção de uma nova sociedade e para o estabelecimento de uma Nova Ordem Mundial, aberta para o homem novo.

TERRA: PROBLEMA RURAL E URBANO
A IGREJA E AS CULTURAS
DIREITOS HUMANOS NO BRASIL
COMUNICAÇÃO E PLURALISMO
CAPITALISMO NACIONAL
E TRANSNACIONAL
HANSEIASE TEM CURA
UMA NOVA ORDEM MUNDIAL
A LUTA CONTRA O RACISMO
PAZ E CORRIDA ARMAMENTISTA

Em busca de uma nova sociedade,
de uma Nova Ordem Mundial.
A luta pelo homem novo.

Redação e administração:
Rua Frei Luís, 100
Caixa Postal 90023 — Tel.: 43-5112
25600 Petrópolis, RJ

Preço da assinatura de 1983
simples: Cr\$ 8.000,00
aéreo: Cr\$ 9.000,00
Exterior: US\$ 50

AOS LEITORES

CARTA DO PRESIDENTE DA INTERCOM

Esta é a última edição do *Boletim Intercom* publicada sob a orientação e a responsabilidade da atual diretoria. A ocasião é propícia para uma prestação de contas.

Nascendo com a própria *Intercom*, pois constitui atividade prevista no estatuto social, o *Boletim* procurou cumprir sua função precípua: servir como canal de intercomunicação entre os sócios e atuar como fórum permanente de debates sobre os problemas emergentes da comunicação em nossa sociedade.

Surgindo como modesta publicação mimeografada (o nº 0 circula em março de 1978), redigida, composta, impressa e expedida pelos membros da comissão organizadora da Sociedade, o *Boletim* foi se transformando estruturalmente de acordo com as próprias mudanças que deram uma fisionomia peculiar à INTERCOM.

Do nº 0 ao nº 5 manteve a forma de boletim mimeografado, em tamanho ofício, incorporando a partir do nº 3 um anexo bibliográfico — "Bibliografia Corrente de Comunicação". A partir do nº 6 passa a ser impresso em *offset*, pela necessidade de aumentar a tiragem, em face do interesse que desperta na comunidade acadêmica. A edição nº 12 registra outra inovação: aparece com uma capa, contendo o sumário das matérias principais. Na edição seguinte, nº 13, passa a ter um logotipo, criado pelos sócios Raul Fonseca e Jorge Luiz Salim. O formato permanece o mesmo até a edição nº 22, quando adota o tamanho meio-ofício e utiliza a redução da superfície impressa para economizar espaço; o anexo bibliográfico passa ser uma encarte do boletim, impresso em papel colorido. Os números 22 e 23 utilizam um logotipo provisório. A edição nº 24 já contém o padrão de capa que vem sendo utilizado até agora, com pequenas variações de um número para outro. A partir do nº 37 ocorre outra alteração gráfica: a reprodução de *charges* que indicam na capa, a temática principal da edição, que, no nº 38 e seguintes, é explicitada através de uma chamada.

Desde o começo, o *Boletim* vem sendo uma publicação coletiva, cuja existência e dinamismo sempre dependeu da participação dos sócios. Em algumas edições, os sócios que integram a diretoria assumiram uma colaboração mais extensiva, nunca porém exclusiva. A grande mudança do periódico passa a se verificar quando, em abril de 1981, Carlos Eduardo Lins da Silva assume a função de editor. Essa função fora acumulada até o momento pelo presidente, que sempre contou com a ajuda e as sugestões do Tesoureiro, J. S. Faro. E sem dúvida alguma, o conteúdo do boletim passa por alterações sensíveis, pois Carlos Eduardo entrega-se à tarefa de edição voluntária com o mesmo entusiasmo e a criatividade que já revelara em iniciativas profissionais anteriores. As edições tornam-se mais bem elaboradas, sobretudo no que se refere ao registro dos acontecimentos do mundo profissional da comunicação e à crítica dos meios. E vão ficando mais encorpadas, mais grossas. Foi inevitável a busca de um novo processo de composição, pois a máquina elétrica IBM não mais dava conta das expectativas dos leitores, que reclamavam o reduzido tamanho dos tipos empregados. A edição nº 36 já aparece com toda a matéria processada em *composer*. As mudanças morfológicas conduzem a alterações no conteúdo e na estrutura redacional. Com o nº 37 o boletim introduz os fóruns de debates, publica reportagens sobre eventos científicos ou políticos, incorpora resenhas, ensaios e estimula o confronto de idéias.

Quanto à periodicidade, houve uma disposição de mantê-la *mensal* até o nº 33, apesar de algumas edições duplas, sobretudo nos períodos de férias. Mas o alto custo editorial e as dificuldades operacionais obrigaram (não sem o veemente protesto do editor) à opção pela *bimestralidade*, que se iniciou com o nº 34 e permanece até agora.

A impressão foi feita nas Gráficas da Faculdade Cáser Líbero (0 a 5), do Instituto Metodista de Ensino Superior (6 a 21) e Escola de Comunicações e Artes da USP (22 a 44).

A tiragem evoluiu pouco a pouco. As primeiras edições mimeografadas não passavam dos cem exemplares, que dobraram em fins de 1979, chegaram a 300 no ano seguinte e atingiram 500 em 1981. As próprias mudanças editoriais e o crescimento do número de sócios da INTERCOM elevaram a tiragem para 1.000 exemplares em 1982. Um terço é distribuído gratuitamente aos sócios, outro terço é enviado a instituições científicas e culturais do país e do estrangeiro, permanecendo o restante para atendimento às solicitações que recebemos de todas as partes do país. Os estudantes de comunicação tornam-se gradativamente leitores fiéis, principalmente em São Paulo.

O interesse pelo *Boletim Intercom* tem sido talvez a maior motivação para a sua permanência. Em viagens que os membros da diretoria fazem pelas diferentes cidades brasileiras é comum o entusiasmo com que os leitores se referem à publicação e dizem da significação que ela tem para as suas atividades didáticas, profissionais e científicas. Nas cartas e depoimentos que chegam de outros países, onde suas edições chegam regularmente, existem referências lisonjeadoras quanto à utilidade das suas informações, à qualidade dos seus textos e a seriedade das suas análises. O *Boletim* assumiu um lugar destacado na comunidade acadêmica latino-americana, fazendo a ligação entre os pesquisadores brasileiros e os hispano-americanos. Até mesmo nos círculos europeus e norte-americanos interessados pelo Brasil e suas instituições culturais cresce a receptividade a esta publicação.

Sua significação maior está, porém, no debate de idéias e na crítica à realidade comunicacional brasileira que faz da INTERCOM uma sociedade científica respeitada pelos órgãos governamentais, pela sociedade civil e pelo mundo acadêmico. A postura desassombrada que vem sendo assumida, durante todos estes anos, criando o espaço próprio de atuação e de participação dos pesquisadores que estudam os fenômenos sociais da comunicação no país, constitui por si só motivo suficiente para a continuidade da publicação.

Em que pese o ônus financeiro que este boletim acarreta à INTERCOM, comprometendo em alguns momentos a própria existência da Sociedade, pelo volume de recursos que absorve, vale a pena lutar pela sua sobrevivência. Talvez algumas alterações sejam necessárias à sua estrutura, compatibilizando a viabilidade financeira com a utilidade cultural e política. O importante é que se obtenha o equilíbrio capaz de evitar seja interrompida sua circulação, fantasma que algumas vezes já rondou seu caminho.

Ao confiar os destinos da INTERCOM à nova diretoria presidida por Anamaria Fadul quero manifestar a certeza de que a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação permanecerá fiel aos princípios que motivaram sua criação — pluralismo, participação, pesquisa avançada — e a esperança de que o *Boletim Intercom* seguirá refletindo essas diretrizes que tornaram a INTERCOM uma instituição solidamente legitimada pela comunidade científica do país e do exterior.

José Marques de Melo

CARTA DO EDITOR DO BOLETIM

Nos últimos dois anos e meio, exerci as funções de editor do *Boletim Intercom*. Tem sido uma tarefa que dá prazer realizar. Mas que tem-se tornado cada dia mais difícil. Todos os brasileiros sabemos que a maré não está prá peixe e os sócios da INTERCOM que participam da vida da entidade, que a nossa rede tem sido particularmente desafortunada na pescaria.

A INTERCOM, a exemplo de outras entidades científicas, sofre com a crise econômica um momento em que a mera sobrevivência já é uma façanha. Pessoas sem dinheiro cortam o supérfluo e, infelizmente, no Brasil a atividade científica é supérfluo, mesmo para quem trabalha na universidade. Assim, a principal fonte de rendas da entidade — a anuidade dos associados — vê-se diminuída. Afinal, o País não paga a seus credores, os mutuários do sistema financeiro da habitação não pagam ao BNH, as dívidas passaram a existir apenas para serem roladas. Por outro lado, os custos não param de crescer todos os dias. Os gráficos, em especial, Publicar qualquer coisa neste nosso Brasil de hoje é sempre um ato de heroísmo.

Muitas vezes o *Boletim* pareceu tornar-se inviável. Os poucos recursos da entidade se esvaem quase por completo a cada edição. As despesas com composição, impressão, papel, correio exaurem os cofres da INTERCOM. E não se paga um tostão aos redatores e colaboradores.

Fomos obrigados a mudar a periodicidade do *Boletim*, que passou a bimestral. E ainda assim tem sido difícil mantê-la. Além de cobrar caro, o setor gráfico costuma não cumprir prazos. E de trabalhadores que colaboram sem receber, fica difícil ser rigoroso na cobrança de prazos.

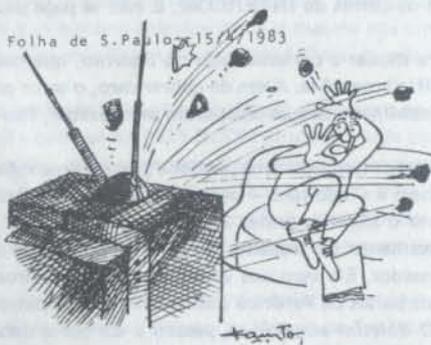
Cada edição do *Boletim* tem sido uma pequena guerra, desconhecida de muitos sócios que apenas o recebem e — não raro — pensam tratar-se de trabalho fácil. Apesar de tudo, tentamos melhorar o *Boletim* nestes 30 meses. E parece que não fomos mal na empreitada. O reconhecimento ao trabalho de toda a equipe que o elabora tem sido gratificante e recompensador. Ele vem dos vários Estados brasileiros onde há sócios da INTERCOM e de muitos países da América Latina em que realizamos intercâmbio com publicações similares. O *Boletim* ampliou-se, passou a abrigar o debate de idéias sobre assuntos correntes, além de simples registro de notícias, exerceu mais sistematicamente a crítica dos meios de comunicação, abriu espaço para pequenos ensaios. Chegou mesmo a "engordar", apesar da penúria de recursos. Às vezes tanto, que os rigorosos médicos da Tesouraria da entidade chegaram a pensar em obrigá-lo a uma dieta, pois seu peso excessivo elevou ainda mais os custos do correio.

Enfim: foi um trabalho bom e duro. Escolhido pelos sócios para assumir a secretaria geral da INTERCOM a partir de setembro, deixo de realizá-lo neste número. Não sem uma certa sensação de alívio, mas certamente com uma ponta de contraditória saudade. Continuarei a colaborar, por certo, mas a responsabilidade agora passará ao companheiro Wilson da Costa Bueno, eleito diretor editorial da INTERCOM, a quem desejo os melhores votos de êxito. Espero que ele consiga viabilizar economicamente o *Boletim*, pois sua importância para os estudiosos da Comunicação no Brasil é indiscutível e sua presença cada vez mais necessária.

Não poderia deixar de, como reza a tradição, agradecer aos que colaboraram com o *Boletim* nestas 120 semanas. Acho que a tradição de agradecer a muita gente no final de qualquer missão existe porque não há missões solitárias na vida em sociedade. É sempre muita gente que trabalha junto para se chegar a alguma coisa. O *Boletim* não é exceção. Apesar das falhas, atrasos, cobranças, muitos têm ajudado e fazê-lo. Espero que continuem com o Wilson.

Carlos Eduardo Lins da Silva

Meios de Comunicação e Novos Governadores: um início tenso



BOLETIM   

42/43 INTERCOM

BOLETIM INTERCOM - INTERCOM (SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTER-

DISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO)

Caixa Postal 20.793

Shopping Center Iguatemi - CEP 01498

São Paulo, SP

EVENTOS

1983 registra duas efemérides: o centenário da morte de Karl Marx e o bi-centenário do nascimento de Simon Bolívar. O primeiro, personagem da história política contemporânea, cujas idéias marcaram a fisionomia cultural de todo o mundo e que continuam a empolgar as novas gerações. O segundo, protagonista da independência hispano-americana, cujo projeto de unidade continental ainda permanece seduzindo lideranças que enfrentam o imperialismo no cotidiano político dos países latinos das Américas. Ambos estiveram ligados à comunicação, pela própria natureza das atividades que realizaram e lhes conferiram lugar na História. Como políticos militantes, praticaram o jornalismo, seguindo os padrões da época, e utilizaram os meios de comunicação disponíveis para difundir suas idéias, atuar junto à sociedade. Associando-se aos eventos comemorativos que ocorrem em todo o mundo e na América Latina, este *Boletim Intercom* publica duas matérias de autoria de José Marques de Melo, resgatando o perfil de Marx jornalista e analisando os vínculos de Simon Bolívar com a comunicação, em sua época e no seu bicentenário.

MARX E O JORNALISMO

José Marques de Melo

O Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP voltou a realizar sua já tradicional Semana de Estudos de Jornalismo. O tema escolhido para este ano foi "Marx e o Jornalismo".

A escolha do tema justificou-se pela comemoração do centenário da morte de Karl Marx, que além de filósofo, economista e cientista social foi também jornalista. Por ser a atividade jornalística uma faceta pouco conhecida da trajetória intelectual de Marx é que os organizadores do evento tomaram a decisão de privilegiá-la.

E foi sem dúvida uma opção oportuna. Por dois motivos. Primeiro, porque as referências a Marx e ao marxismo nas escolas de comunicação do país, inclusive na ECA-USP, se fizeram até agora em espaços marginais, quase clandestinos, assumindo muitas vezes padrões de um doutrinário e de um dogmático sem dúvida pouco universitários. Segundo, porque os jornalistas e estudantes de jornalismo puderam descobrir na atividade política de Marx o papel desempenhado pelo exercício permanente do jornalismo e a conseqüente defesa que sempre fez da liberdade de imprensa.

Para a centena de participantes que disputavam lugares, cada dia, no anfiteatro que abrigou a Semana, as explanações feitas pelos diferentes expositores (marxistas de diferentes matizes e não-marxistas de diferentes tendências) constituíram revelações surpreendentes. E não obstante a pouca profundidade de muitas contribuições (o que aliás não se poderia exigir, em se tratando de um evento programado para um público majoritariamente iniciante na vida universitária), emergiu um perfil do Jornalista Karl Marx que certamente não correspondia aos estereótipos pré-existentis.

Muitos desconheciam, por exemplo, que Marx viveu, durante algum tempo, dos parcos rendimentos do seu trabalho jornalístico. Cascavilhando a correspondência da

sua esposa Jenny, um dos expositores encontrou referências interessantes à significação dos honorários pagos pelos jornais norte-americanos que publicavam os artigos do marido e que garantiam a sobrevivência da família em Londres.

Poucos imaginavam Marx como um jornalista não-panfletário, em face do panfletarismo praticado por muitos dos jornais marxistas que circulam no país. Sua produção jornalística foi caracterizada pela análise detida dos acontecimentos a que diziam respeito e se pautou pela preocupação de vincular cada fato, cada ocorrência, à conjuntura que os configurava. Mesmo naquele texto histórico que alguns podem rotular como panfletário — O manifesto comunista — Marx e seu colaborador Engels não perderam de perspectiva sua função didática e construíram uma argumentação retoricamente forte, mas estruturalmente simples, clara, convincente.

A surpresa maior verificou-se, porém, quando foi feita a exegese das reflexões de Marx sobre a liberdade de imprensa. E aí ficou evidente uma grande distância entre o que disse e escreveu o inspirador do marxismo e o que disseram ou escreveram posteriormente alguns daqueles que reivindicam o papel de seus continuadores. Marx defendeu enfaticamente o direito de expressão e informação na sociedade e condenou explicitamente as restrições ao exercício de opinião dos cidadãos. Inevitavelmente surgiram alusões e comparações às práticas de controle da informação e da opinião nas sociedades socialistas reais. A conclusão foi óbvia: Marx não pode ser responsabilizado por esses desvios, ou, como pretendem alguns, por essas distorções.

Talvez a maior lição aprendida pelos jovens que pretendem se dedicar ao jornalismo nos dias de hoje e querem tomar como referência o jornalista Karl Marx, marcadas evidentemente as diferenças de tempo histórico e de espaço geo-político, é que a prática da informação pública e a expressão da opinião responsável não podem prescindir do conhecimento amplo da realidade analisada e da identificação adequada dos personagens envolvidos, sob o risco de cair na superficialidade e de confundir a aparência dos fatos com a sua essência. Nesse sentido, praticar o jornalismo seguindo a trilha de Marx significa munir-se de um arsenal cognitivo suficientemente universal e permanentemente atualizado para não cair nos engodos dos fabricantes de "notícias" e não cometer avaliações equivocadas, ditadas pela rapidez com que os fatos acontecem sem permitir pausas para julgamento definitivos, pois do contrário perdem a oportunidade de interessar e de motivar o público.

Foi comum, entre os participantes da Semana, a certeza de que muito se discute Marx e se recorre às suas proposições, sem que se conheça o suficiente da sua produção original. Ficou evidente que tomar o pensamento marxista a partir dos seus divulgadores e dos seus exegetas não basta para quem pretende informar e interpretar com segurança e honestidade. Daí a importância de descobrir ou redescobrir Marx, através dos próprios textos que escreveu, especialmente daqueles destinados originalmente a publicação em jornais e revistas de atualidade.

O programa da X Semana de Estudos de Jornalismo incluiu 5 temas específicos, discutidos em forma de painel, de que participaram vários cientistas, jornalistas e militantes políticos. A seqüência dos debates foi a seguinte:

Dia 5 — *Marx, o jornalista* — Leandro Konder e Fausto Castilho fizeram exposições de cunho predominantemente biográfico, enquanto Laurindo Leal Filho e José Álvaro Moisés optaram pela identificação de aspectos significativos da sua atividade como jornalista político;

Dia 6 — *Marx e a liberdade de imprensa* — José Arthur Gianotti privilegiou a questão da liberdade de imprensa e sua importância para o exercício da democracia, em paí-

ses sob a égide do capitalismo ou do socialismo; Mario Innocentini preferiu ater-se aos textos que Marx escreveu sobre liberdade de imprensa e fez algumas reflexões sobre a sua atualidade, especialmente em face dos obstáculos à livre expressão da palavra e das idéias na sociedade contemporânea, independentemente da organização econômica vigente; Celso Loge retomou a produção literária de Marx, especialmente os escritos poéticos, e mostrou como ele efetivamente exerceu a liberdade de expressão artística em seu tempo.

Dia 7 — *Marx na formação dos jornalistas* — Marcos Faerman e Osvaldo Peralva falaram das suas próprias experiências como jornalistas que se iniciaram na profissão como militantes de partidos marxistas e posteriormente se afastaram dessa militância política mantendo vínculos com o legado histórico de Marx; Alberto Dines percorreu sobre os perigos do dogmatismo e da intolerância que marcam a atuação de muitos jornalistas que se pretendem marxistas, mostrando que nem sempre são fiéis a Marx e que muitas vezes desconhecem suas contribuições originais; Fulvio Abrame propôs como indispensável à formação dos novos jornalistas o parâmetro da ética marxista, que se traduz pela busca e pela defesa da verdade.

Dia 8 — *Marx visto pelos grandes meios de comunicação* — Marília Pacheco Fiorillo narrou sua experiência como coordenadora da edição especial de "Isto é" sobre o centenário de Marx, centrando-se nas dificuldades encontradas para documentar e analisar um acontecimento como esse, até pouco tempo um verdadeiro tabu para a imprensa brasileira; Octavio Frias Filho fez algumas reflexões sobre os preconceitos existentes na grande imprensa em relação ao marxismo e defendeu a necessidade de dar espaço para que esses temas marginais sejam melhor dimensionados para orientação ampla do público leitor; Raimundo Pereira expôs sua percepção da cobertura dada ao centenário de Marx nos jornais e revistas brasileiras e comparou-a ao tratamento dado em publicações estrangeiras dos países capitalistas metropolitanos, onde predominaram informações e análises equilibradas, das quais o marxismo emerge como uma corrente de pensamento viva, apesar de suas contradições históricas e dos projetos políticos que inspira contemporaneamente, e não como uma tendência filosófica necrosada, próxima da decadência, como sugeriram sutil ou ostensivamente algumas das reportagens e comentários dos MCM no Brasil.

Dia 9 — *Os jornais marxistas brasileiros* — Esse debate teve dois momentos: o resgate do passado e o dimensionamento do presente. A revisão histórica esteve a cargo de Heitor Ferreira Lima — militante marxista desde os primeiros tempos da sua difusão no Brasil, que fez um depoimento pessoal sobre a produção e edição da imprensa socialista e comunista em nosso país e das barreiras que sempre enfrentou para a sua popularização; Edgar Carone — historiador do movimento operário e da organização política dos comunistas, cuja contribuição encaminhou-se para a localização do tronco da imprensa marxista no início do século, a partir da formação do PCB, e das facetas que assumiu em diferentes circunstâncias políticas; Marcos Aurelio Garcia — cientista político, que retomou as diretrizes da imprensa marxista, a partir das concepções registradas nas atas dos congressos das Internacionais Comunistas e apontou criticamente a tensão (ou oposição?) que se manifesta na imprensa partidária (doutrinária) e na imprensa de massa (de ação e orientação política); defendeu a tese de que a imprensa marxista brasileira refletiu sempre as distorções do próprio discurso marxista aqui disseminado e submetido a leituras dogmáticas ou mecanicistas, nem sempre próximas dos autênticos postulados de Karl Marx. O diagnóstico e a avaliação da imprensa marxista contemporânea foram feitos pelos editores ou redatores dos jornais que se auto-proclamam marxistas e circulam abertamente na sociedade brasileira. Atenderam ao convite os jornais: *Voz da*

Unidade (PCB), *Tribuna da Luta Operária* (PCdoB), *Hora do Povo* (MRB), *O Trabalho* (Libelu), *Convergência Socialista* e *Causa Operária*. Cada expositor fez um relato da linha editorial do seu jornal e alguns acrescentaram detalhes sobre o processo de produção jornalística que adotam. Confirmando a profunda divisão que existe entre essas correntes, cada participante defendeu a mais próxima e fiel observância do "verdadeiro" marxismo em seu jornal. Se o debate não foi rico no aprofundamento das concepções marxistas do jornalismo percebidas pelas respectivas tendências, valeu a pena como evento histórico. Militantes marxistas que praticam o jornalismo em publicações de natureza partidária sentam-se numa mesma mesa da Universidade, entrando não pela porta dos fundos ou forçando brechas quase clandestinamente, mas correspondendo a um convite oficial. E discutiram com espírito democrático, apesar dos eventuais incidentes que ficaram por conta das sutilezas retóricas (alfinetadas, insinuações, veladas, acusações indiretas), e se confrontam com a nova geração que pretende fazer do jornalismo o seu ofício, muitos dos quais demonstram fascinação pelas idéias marxistas. Desse confronto e desse embate emergiram duas constatações: 1) a luta cíclica que esses jornais desenvolvem cotidianamente para sobreviver, num país onde a "democracia" ainda não tornou legítimas as correntes políticas marxistas, que se nutrem da sua própria força histórica e subsistem numa semi-legalidade tolerada pela "abertura" do General Figueiredo; 2) A pobreza ideológica dos editores ou redatores daqueles jornais, cuja postura se aproxima mais de um proselitismo com matizes evangélicas do que de militantes políticos afinados com o referencial dialético legado por Karl Marx. A impressão que restou para muitos dos participantes da Semana foi a de que os jornais marxistas brasileiros hoje em circulação confinam-se às fileiras dos respectivos militantes ou simpatizantes partidários, sem lograr atingir um contingente mais expressivo das classes trabalhadoras. É evidente que tal situação decorre da própria restrição que lhes impõe o regime militar brasileiro, mas tem sua explicação também nos estreitos horizontes que elegem no plano doutrinário, donde a defasagem em relação às idéias essenciais de Marx no plano estratégico, e posição a-histórica que assumem no plano tático.

BOLIVAR E A COMUNICAÇÃO

José Marques de Melo

O segundo centenário do nascimento de Simon Bolívar ocorreu no dia 24 de julho de 1983. O acontecimento mobilizou a intelectualidade hispano-americana e envolveu em certo sentido a "opinião pública" continental, sobretudo na Venezuela. Naquele país, a efeméride ensejou um vasto programa de comemorações, patrocinadas pelo Estado, apropriadas pela indústria cultural e resgatadas a seu modo pelos intelectuais vinculados aos movimentos populares.

É sintomático, porém, que o entusiasmo hispano-americano pela celebração do aniversário do seu assim chamado Libertador pouco contagiou o Brasil e os brasileiros. Recordo que no início deste ano, numa reunião de professores de Jornalismo na Universidade de São Paulo, a colega Regina Festa, que retornava de uma de suas viagens de pesquisa pela América do Sul, propunha a organização de um evento comemorativo do bi-centenário de Bolívar. Percebi que a sugestão caíra no vazio, apesar da argumentação de que a FELAP — Federação Latinoamericana de Jornalistas — estava empenhada em resgatar o perfil bolivariano do jornalista comprometido com as transformações sociais.

Por que esse desinteresse dos brasileiros, inclusive dos intelectuais, pelos marcos históricos da América Espanhola, apesar de toda a mística da latinoamericanidade que empolga certos setores dos movimentos sociais e culturais contemporâneos? Essa é uma questão a merecer exame e reflexão no sentido de se lançarem novas pontes para integrar os brasileiros no contexto de uma América Latina que, superando a idéia artificial de uma unidade política meramente anti-imperialista, signifique a unidade das maiores oprimidas pela sua libertação, cujo caminho é também anti-imperialista.

De qualquer maneira, o bi-centenário de Simon Bolívar não passou em brancas nuvens no Brasil. Se as universidades e os centros culturais (sintoma evidente do seu esclerosamento e distanciamento da sua sociedade e do seu tempo) fizeram vista grossa, os meios de comunicação deram os registros de praxe. Os jornais diários que circularam no dia da efeméride publicaram alguns artigos e matérias analíticas sobre Bolívar. O Suplemento Cultural de "*O Estado de São Paulo*" dedicou a Bolívar (O Libertador) sua capa, publicando um texto do historiador Héctor Bruit (UNICAMP) sobre a luta emancipacionista do herói venezuelano e uma longa matéria (não assinada) que sintetiza o seu pensamento político. Por sua vez, a "*Folha de São Paulo*" homenageou Bolívar com dois artigos no *Folhetim*, um de Léon Pomer (UNICAMP) sobre a trajetória política e militar do artífice da unidade latino-americana e outro de Maria Lígia Prado (USP) sobre as diferentes leituras do discurso bolivariano e sobre o "culto ao Libertador".

A postura dos dois jornais paulistas em relação a Bolívar indica duas vertentes para situar e compreender o mito venezuelano. O ESP, fiel ao seu conservadorismo liberal projeta a imagem oficial — a do "herói anti-colonial". O "ôlho" da matéria principal é sintomático e, por isso, vale a pena transcrevê-lo: "Durante 20 anos, Simón Bolívar lutou para pôr fim a 300 anos de dominação espanhola na América. Tinha a convicção de que a Independência era indispensável para a criação de um mundo novo, fundado na democracia e na liberdade, e de uma ordem política baseada na justiça e nos direitos humanos". A FSP abre espaço para a percepção das contradições existentes na biografia de Bolívar, no seu ideário e na sua prática política. As chamadas das duas matérias são suficientes para demonstrar a criticidade dos articulistas: — "Nascido há duzentos anos, Simón Bolívar é um personagem plural. Há um Bolívar militar e um Bolívar político. Há um Bolívar que desconfia das massas populares e um partidário do voto censitário e do poder centralizado. Um homem com profunda fé no futuro da América mais incrédulo com relação ao seu presente" (León Pomer). — "Muitas leituras são feitas das propostas bolivarianas. De anti-herói a libertador, Bolívar é um personagem histórico filtrado por múltiplas e contraditórias interpretações — um fato que aponta para a necessidade de análise em torno de um tema que tende a cristalizar-se em dogmatismo" (Maria Lígia Prado).

Mas o registro das comemorações bolivarianas não se restringiu ao minúsculo público leitor dos suplementos dominicais dos jornais diários. O grande público teve oportunidade de tomar conhecimento do fato através da televisão, pois a Rede Globo colocou no ar uma edição do "Globo Repórter" dedicada ao tema. Na verdade, a repercussão foi diminuta e a audiência provavelmente menor, por várias circunstâncias: a reportagem foi anunciada para o dia 21 de julho (quinta-feira), mas só foi colocada no ar depois da meia noite, em seguida ao jogo de futebol que reuniu as estrelas do esporte brasileiro (inclusive Pelé), numa partida benemérita, cuja renda destinou-se às vítimas das enchentes do sul do país. Acresce ainda o "detalhe" de que o dia 21 de julho foi o Dia Nacional de Protesto contra a Política Econômica do Governo, com greves, paralisações, passeatas que pipocaram em várias cidades brasileiras e produziram grande ten-

são em todo o país. Assim sendo, Bolívar ficou para escanteio, "derrotado" no interesse público pelos olímpicos do esporte (Pelé, Zico), do sindicalismo (Lula, Joaquinção) e da política (Montoro, Brizola, Tancredo, Aureliano). E pouco perderam os telespectadores, pois a reportagem não foi além dos relatos superficiais que caracterizam muitas das edições daquele programa, mais ágil na captação de imagens pitorescas (como a quase "religião" venezuelana em torno de Bolívar) e no registro do discurso oficial (o do presidente venezuelano, por exemplo) do que no aprofundamento do tema e na análise da significação contemporânea da luta empreendida por Bolívar.

Enquanto a TV Globo e os grandes jornais se limitaram a noticiar e a interpretar Bolívar no contexto hispano-americano, a Editora Paz e Terra participou das comemorações, lançando um livro que recupera as vinculações entre Bolívar e o Brasil. Trata-se de um ensaio escrito pelo historiador social pernambucano Vamireh Chacon, que fez pesquisas em arquivos da Venezuela, Colômbia e Brasil, reconstituindo o fio que uniu os revolucionários anti-hispânicos aos combatentes anti-lusitanos. Chacon já havia empreendido uma incursão histórica pelas revoluções libertárias brasileiras do século XIX, identificando suas raízes socialistas no livro *História das Idéias Socialistas no Brasil* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965). Fascinado por um dos combatentes das insurreições pernambucanas de 1817 e de 1848 — Abreu e Lima — Vamireh Chacon reconstituiu a sua ligação com Bolívar, que ocorre durante o exílio a que foi lançado pela frustração dos levantes republicanos em Pernambuco ainda durante a dominação portuguesa, e a projeção das idéias bolivarianas na Revolução de 1848, quando o revolucionário pernambucano já estava de volta à terra, num Brasil já "independente".

O livro de Chacon chama-se *Abreu e Lima — General de Bolívar* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983) e foi lançado também em Caracas. A parte seu pernambucaníssimo deslumbramento, descobrindo "a confirmação do culto, nacional e não só oficial, a Abreu como um dos próceres da Independência da Venezuela e Colômbia, seu nome reconhecido, sua memória reverenciada", a pesquisa identifica os estreitos laços entre os conspiradores latino-americanos do século passado e suas ligações com os centros irradiadores das idéias libertárias (Paris, Londres, Filadélfia) e do apoio às rebeliões contra os impérios coloniais comandados de Madrid e Lisboa. Todavia, o mais interessante do estudo de Vamireh Chacon, pelo menos para os pesquisadores da comunicação, é a releitura que fez dos periódicos anti-coloniais editados pelos revolucionários latino-americanos o *Correo del Orinoco* de Bolívar, o *Correo Braziliense* de Hipólito da Costa e o *Diário Novo* dos praieiros pernambucanos — identificando certos traços ideológicos que separam, por exemplo, o reformista Hipólito e o radical Abreu, ou descobrindo o jornalista Abreu e Lima que projetou as revoluções brasileiras no *Correo del Orinoco* e posteriormente resgatou as revoluções bolivarianas no *Diário Novo* do Recife *quarante-hultard*.

A leitura do livro de Vamireh Chacon é importante para os latino-americanos interessados efetivamente em construir uma unidade de ação iberoamericana, em que o Brasil e os países de língua espanhola da América, se alinhem na defesa das transformações sociais e políticas do continente. Para tanto, o socialismo utópico de Abreu e Lima pode ser um referencial histórico, a ser atualizado a partir da luta das classes trabalhadoras pela conquista de um *socialismo democrático* compatível com as peculiaridades de cada país latino das Américas.

Da mesma maneira que Chacon motiva os estudiosos da comunicação para descobrir a dimensão jornalística dos "libertadores da América" e compreender as características ideológicas dos discursos que reproduziram na imprensa engajada da época, os pes-

quisadores venezuelanos acumularam um repertório apreciável de observações e avaliações sobre o jornalismo bolivariano e a função da própria imprensa nas revoluções lideradas por Bolívar. A principal fonte para conhecer a contribuição venezuelana ao perfil comunicacional de Bolívar é a edição especial da revista do Centro de Comunicación Social Jesus Maria Pellin, modestamente denominado "*Boletín Comunicación*", e que tem como tema de capa: "Bolívar Superestrella" (n.º 41/42). O volume reúne uma expressiva reflexão sobre as vinculações entre Bolívar, a comunicação do seu tempo e a indústria cultural de hoje que reproduz o mito bolivariano astuciosamente engendrado pelas classes dominantes da Venezuela.

Essa revista editada sob a liderança de Jesus Maria Aguirre tem se caracterizado no panorama latinoamericano dos estudos de comunicação pela sua excelente qualidade acadêmica e pela corajosa orientação política que não comporta ambigüidades retóricas ou alinhamentos dogmáticos. A edição monográfica sobre Bolívar confirma a diretriz editorial vigente. Os autores dos artigos e ensaios dissecam as diferentes nuances do "herói nacional" — jornalista, propagandista, ideólogo — e as versões distintas que assumiu o culto ao "mito histórico" no seu bi-centenário — peças teatrais, películas cinematográficas, campanhas publicitárias, canções populares. Destacaremos, porém, duas matérias que pareceram significativas para aproximar o leitor brasileiro do personagem venezuelano. O ensaio "O mito de Bolívar e sua função política" (Jesus M. Aguirre e Berta Brito) e o debate "Bolívar Jornalista", moderado por Eleazar Dias Rangel e animado por vários jornalistas nacionais.

Aguirre e Brito analisam a multiplicidade de significações que adquire o mito bolivariano na história recente da Venezuela. Eles constatam que existe uma "devoção" popular pela figura de Bolívar, apanágio ao mesmo tempo do "sacrifício" dos que lutaram pela emancipação e da "frustração" dos que não usufruíram os resultados da independência política. Com base nesse "sentimento profundamente arraigado na alma dos venezuelanos", as classes dominantes (burguesia latifundiária e comercial) construíram um arsenal retórico que atém as massas trabalhadoras na "expectativa de permanente busca dos ideais por que ele (Bolívar) lutou: liberdade, justiça, igualdade, fraternidade". Essa mitologia bolivariana, continuamente atualizada e adaptada à conjuntura político-ideológica, tem servido de anteparo para a "manipulação" do poder na sociedade venezuelana. As comemorações do bi-centenário produziram uma orquestração nacional "deificando" Bolívar. Delas participaram a burguesia, a tecnocracia estatal e os dirigentes da indústria cultural. O resultado foi a consagração de Bolívar como "supestar". A observação feita pelos dois pesquisadores confirmou as duas hipóteses formuladas: 1) A indústria cultural venezuelana é operada segundo padrões que reforçam o caráter aristocrático da cultura nacional, garantido a uns poucos dirigentes decidir sobre o que é conveniente ou não ser levado ao conhecimento do povo; 2) O simbolismo criado para tornar Bolívar uma "superestrela" no segundo centenário do seu nascimento converge para a difusão de um "imaginário" que reduz as dissonâncias entre "as expectativas utópicas e as frustrações diárias". Os resultados são previsíveis. "Ao mesmo tempo que se vislumbra um Bolívar inalcançável, a quem é mais fácil venerar que imitar, sugere-se que a democracia, a liberdade, a igualdade, enfim a felicidade do cidadão são dédivas do Pai Libertador que não se sabe usufruir. Por isso recomenda-se ao povo a obediência às leis, a submissão às autoridades, a dedicação ao trabalho produtivo, a integração incondicional ao sistema vigente, como única via para atingir o beneplácito de Bolívar e converter a Venezuela numa grande empresa".

A constatação feita por Aguirre e Brito, tomando a retórica do bi-centenário como objeto de observação sistemática, não está muito distante da que faz Maria Lígia Prado, ancorada no discurso historiográfico. "A classe dominante venezuelana apropriando-se do prestígio que desfrutava Bolívar o elevou ao mais alto pedestal. (...) Desse modo, o herói nacional, simples mortal, avança para o plano da deificação. Colocou-se Bolívar numa região inacessível, num alto pedestal inatingível, onde ele paira acima do bem e do mal. Esse discurso ideológico e mítico está impregnado de religiosidade, repleto de expressões que o sacralizam (...). Que mais restaria aos meros mortais venezuelanos? Nada mais que 'agradecer, venerar, edificar a memória do Libertador', que cumpriu sua 'nobre missão', 'executando os desígnios de Deus' e a quem se deve homenagear, ou melhor, cultuar".

No que se refere ao debate sobre Bolívar e o jornalismo, respaldado pelo Colégio Nacional de Jornalistas e pela Federação Latinoamericana dos Jornalistas, emerge a figura do comunicador político que usou a imprensa como artefato revolucionário e que manejou a palavra como instrumental ideológico. Anota Ramón Velásquez: "Os libertadores consideram sempre a imprensa como uma arma de grande importância. Para Bolívar a imprensa era a *artilharia do pensamento*. Não se pode esquecer que quando embarcaram os soldados — tanto Miranda quanto Bolívar — embarcaram com eles uma impressora. O Libertador sempre fez uso da imprensa (...), uma arma ofensiva, uma arma de conquista em sua época". E acrescenta Jesús Sanoja Hernández: "Bolívar possuía um sentido utilitário imediato do jornalismo". (...) "Bolívar é um homem de frase concisa, rápida, que odeia a retórica, inclusive quando faz citações que podem parecer eruditas... (...) "... quando fazia citações eruditas, ele imprimia um tempo e um ritmo tão rápido, tão acelerado e tão precisa que imediatamente ficava assentada, em uma frase ou duas, a idéia central do enunciado".

Frederico Alvarez faz um paralelo entre Bolívar e Lenin na compreensão do papel político da imprensa. "Não há dúvida, portanto, a respeito da compreensão que o revolucionário Bolívar teve a respeito do extraordinário poder do jornal como ferramenta revolucionária. Da mesma maneira que Lenin, um século depois, tampouco existe dúvida sobre a concepção que tinha do jornal como agitador e organizador. O exame (...) das páginas do *Correo del Orinoco* servirá para demonstrar como cada página, cada seção, cada elemento estava destinado a cumprir um objetivo concreto na luta. Para Bolívar não há mensagem gratuita, toda mensagem tem um caráter instrumental. Seu propósito era convencer a um povo de que seu destino dependia da causa da independência".

E é nas páginas do *Correo del Orinoco* que Bolívar dá guarida ao surto revolucionário em outras plagas das Américas, abrindo espaço para que o pernambucano Abreu e Lima comentasse a trajetória política brasileira. Escreve Vamireh Chacon: "... o *Correo del Orinoco* permanece dando notícias do Brasil, muito ao gosto de Bolívar que desejava seu semanário também um elo com a América Latina e o mundo, transmitindo informações sobre os movimentos revolucionários da Argentina e Chile, a partir de certo número com traduções em inglês e francês".

A dimensão latino americana do jornalismo bolivariano é, em certo sentido, creditada por Vamireh Chacon ao pernambucano Abreu e Lima, este talvez mais apropriadamente chamado de "internacionalista" pelo seu "socialismo utópico", que se incorpora à redação do *Correo del Orinoco* "passando a dar notícias do Brasil", e posteriormente de volta ao Brasil ingressa como redator do "praieiro" *Diário Novo* "informando a respeito da América Hispânica".

O perfil de um jornalismo revolucionário, a serviço da causa emancipacionista da América Latina é confirmado por Frederico Alvarez em sua avaliação do *Correo del Orinoco*, principal veículo do ideário bolivariano. — "A novidade do *Correo* não é, de modo algum, formal, mas ideológico. Nasce para defender uma causa, para difundir os princípios de um projeto político, é o instrumento de propaganda e legitimação da Terceira República e da utopia colombiana. Tudo que servisse para reforçar essa causa era bom. Saíam assim trabalhos reproduzidos da *Gazeta de Trinidad* e de *Barbados*; transcrições de porta-vozes norte-americanos; informações retiradas de jornais de outras capitais latinoamericanas". (...) "Bolívar foi um revolucionário que utilizou todas as formas de luta: o discurso, a conversação, a carta, o ensaio crítico, o jornal, as armas".



Gerson Moreira Lima defendeu tese de mestrado em Comunicação Social no Instituto Metodista de Ensino Superior, em São Bernardo do Campo. Seu trabalho é uma análise da "releasemania", termo que criou para designar a proliferação de press-release no jornalismo brasileiro. Aqui, um resumo do seu estudo:

A REALEASEMANIA

Gerson Moreira Lima

Num regime autoritário como o nosso, a Imprensa, considerada em condições normais como o Quarto Poder numa República, irreversivelmente tem a sua liberdade de expressão castrada. Isso se deve, em parte, ao sistema centralizador dos governos autoritários que gera empecilhos vigorosos no relacionamento repórteres/fontes de informação.

Conseqüentemente, há um aumento acentuado das informações prontas — *press releases* — expedidas, em sua maioria, por aqueles que detêm os poderes político e econômico, representados pelos órgãos governamentais, empresas privadas e outras instituições públicas.

Difícil, porém, é confirmar até que ponto a proliferação do *press-release* no País é conseqüência direta do surgimento de maiores dificuldades de acesso do jornalista às fontes noticiosas. Talvez o processo seja inverso, isso é, a avalanche de *press-release* pode ser a responsável pelo fechamento das fontes de informação.

Mais importante, no entanto, é a constatação da realidade da *releasemania* nos últimos anos. Essa realidade não se restringe às sombras do regime autoritário mas é também produto da arrancada do País à industrialização.

Também as invenções tecnológicas que facilitaram o advento da Comunicação de Massa e a sua influência no Jornalismo e nas Relações Públicas contribuíram decisivamente para o processo.

Convergência de todas essas variáveis surge no País a mania do *release*. E o seu aproveitamento diário — muitas vezes na íntegra — traz conseqüências que levam em parte à burocratização da Imprensa e a um crescente desencorajamento do espírito inquiridor e criativo do jornalista.

Nosso trabalho, de uma forma geral, visa apreender o fenômeno da *releasemania* e registrá-lo. Nele mostramos como surge o *press-release* padrão, reflexo de toda uma realidade especificamente nossa, além de definirmos uma tipologia de *releases* que podem ser enumerados em caso de uma análise mais didática.

Para realizar o estudo, reunimos alguns dos motivos que serviram de impulso para a *releasemania*. Paralelamente, tentamos dar uma visão de como o Jornalismo e as Relações Públicas no Brasil se desenvolveram à luz de uma nova realidade: a do desenvolvimento tecnológico.

Outra preocupação do trabalho foi realizar um estudo de caso onde mostramos o estranho comportamento da Imprensa brasileira durante a divulgação dos fatos relacio-

nados com a posse do publicitário — jornalista Mauro Salles na Vice-Presidência dos Diários Associados. O estudo foi desenvolvido com base em pesquisa nos arquivos da Divisão de Comunicação e Relações Públicas da Salles Inter-Americana de Publicidade S.A.

O trabalho traz ainda uma sondagem realizada junto a alguns dos profissionais envolvidos com o dia-a-dia dos *press-releases*. Nela, entrevistamos não só jornalistas, mas também homens de Relações Públicas (inclusive assessores de Imprensa), além de publicitários, que fazem depoimentos significativos acerca do *press-release* e a sua influência na Imprensa. Trazemos também outros exemplos do comportamento da Imprensa em relação ao *press-release*.

Conclusão

A *Releasemania* assume tal proporção nos dias atuais que muitos jornais encontrariam hoje dificuldades em manter suas portas abertas se não pudessem contar com o material distribuído pelas assessorias de Imprensa.

É evidente que percebemos servir o *press-release* para muitos órgãos de Comunicação apenas como complemento para colunas, reportagens ou páginas. Mas na maioria dos nossos veículos o *release* vem ocupando maior centimetragem por coluna. E o que é mais agravante: sua publicação é exatamente idêntica ao texto preparado pelos assessores de Imprensa que, para isso, seguem um modelo de *press-release* padronizado.

Ao invés de encarar o *press-release* como produto final, deveria caber ao jornalista checar a fonte, investigar o fato, descobrir a essência da notícia, separando-a dos interesses estreitos de que ela se reveste, e publicá-la.

Quanto ao assessor de Imprensa, caberia também uma tarefa: a de fazer com que o empresário tome conhecimento de que a informação contida no *press-release* não será publicada exatamente do jeito que este aprovou, mas, pelo contrário, desencadeará um processo de informação que poderá ampliar-se e abranger outros setores afins.

Nesse envolvimento repórter/assessor de Imprensa é preciso que se dimensione a esfera maior, aquela onde se stua a troca de interesses entre as empresas jornalísticas e demais instituições, sejam públicas ou privadas.

"Há necessidade de, como existe (em parte) na Europa, um Jornalismo que combine o fator credibilidade diante dos leitores com o fator lucro. Dentro dessa perspectiva, é aspecto primordial que as empresas jornalísticas concentrem seus investimentos no ramo ao invés de dispersá-los em atividades que, geralmente, chocam-se com o exercício de um Jornalismo isento."

Talvez assim, o *press-release* pudesse iniciar o seu caminho de retorno às origens quando de seu aparecimento nos Estados Unidos: uma peça que servia como complemento de informações, uma espécie de roteiro distribuído antes de entrevistas coletivas e atos formais, para facilitar o trabalho dos repórteres. Conseqüentemente, o assessor de Imprensa teria condições de reabilitar sua imagem extremamente combatividade na época da *releasemania*.

QUEM INFLUÊNCIA QUEM

Tereza Halliday

— Jamieson, Kathleen Hall e CAMPBELL, Karlyn
*THE INTERPLAY OF INFLUENCE — MASS
 MEDIA AND THEIR PUBLICS IN NEWS
 ADVERTISING' POLITICS. 1983, Belmont,
 California: Wadsworth, 287p.*

Não é somente a publicidade quem recria a realidade e dirige o leitor/telespectador para a visão de mundo que o anunciante deseja promover. O jornalismo também o faz, apesar da ideologia da objetividade. Eis um ponto crucial, ressaltando neste livro sobre as estratégias persuasivas usadas nos comerciais, na construção das imagens dos políticos e — pasmem! — nos noticiários, principalmente os da TV.

Esta obra difere do enfoque tradicional de livros americanos sobre os meios de comunicação de massa, que costumam endossar a crença de que "informação não se mistura com opinião". Numa época de grandes facilidades tecnológicas (como a edição de videotapes e a veloz reformulação de parágrafos no processador de textos) e de complexo aparato empresarial para a produção e disseminação de textos, voz e imagens, essa crença é mais um ideal do que um costume sempre respeitado. Jamieson e Campbell mostram como as tomadas de decisões dos repórteres, editores, anunciantes e produtores são escolhas moldadas pela tecnologia avançada, por barreiras legais, tabus semânticos, objetivos empresariais e interesses ideológicos.

Não se trata de um libelo contra jornalistas, editores e publicitários mas sim uma tentativa bem circunstanciada, de tornar o leitor deste livro um consumidor alerta e consciente para o que há por trás (e pela frente) do produto impresso e televisado.

O título — "A Interação de Influências" — reflete a preocupação das autoras em mostrar as duas mãos da comunicação em duas vias, geralmente de difícil funcionamento na comunicação de massas. Por um lado, explicam, em linguagem clara e com casos documentados, como os detentores da infra-estrutura dos meios de comunicação de massa influenciam seus públicos. Por outro, mostram como esses públicos — principalmente na sociedade norte-americana, podem proteger-se dos meios de comunicação de massa e atuar nas decisões que moldam seu conteúdo e sua orientação.

RELATO

Em julho, realizou-se em Campos do Jordão, sob o patrocínio das Secretarias de Cultura e de Educação do Estado de São Paulo, o tradicional Festival de Inverno, que assumiu nova feição dentro do programa do Governo Montoro. A inovação se fez sentir na orientação com que o Festival foi organizado. Antes, o Festival constituía um espaço para

o deleite musical da burguesia paulista em férias na montanha. Agora, passa a ser uma iniciativa destinada a atualizar culturalmente os professores de arte/educação que trabalham nas escolas públicas de todo o Estado. Maria Christina da Silva Sousa comenta um dos aspectos da nova programação de Campos do Jordão, que foi a organização de uma biblioteca para servir de apoio ao Festival.

UMA BIBLIOTECA NO FESTIVAL DE CAMPOS DO JORDÃO

Maria Christina da Silva Sousa

Alguém teve a idéia: é preciso uma biblioteca de apoio ao Festival. Idéia óbvia, se se pensar que o objetivo desse Festival é contribuir para o aperfeiçoamento dos professores de Educação Artística, abrindo suas cabeças para que sejam realmente os elementos multiplicadores junto à sua comunidade. Idéia genial, na medida em que nunca se pensou nisso nos treze festivais precedentes.

Acervo emprestado daqui e dali e lá fomos nós para Campos do Jordão. Num primeiro momento parecia que não havia lugar para o nosso trabalho: os professores estavam preocupados com seus cursos e os alunos estavam sem tempo para quaisquer atividades que não estivessem no programa.

De repente, ainda sem material de trabalho, sem espaço físico definido e sem usuário, ocorreram-nos duas alternativas: ou bem se encaixotava tudo e se voltava a São Paulo, ou bem se acreditava no papel do bibliotecário como elemento modificador da realidade e se atacava aquela gente com toda a garra, abrindo espaço para o nosso trabalho.

É claro que a última alternativa foi a escolhida: era o desafio. Tratamos então de relacionar o material que compunha o acervo, elaborando um guia subdividido por assuntos para facilitar a consulta e chamar a atenção dos alunos e professores. Depois datilogramos e duplicamos o guia a fim de torná-lo acessível a todos os participantes do evento. Paralelamente desenvolvemos um trabalho com os professores e alunos, quer em contatos pessoais quer nas classes.

Foi esta a experiência mais incrível. O pessoal que estava ávido de informações. Trabalhos de documentação em Comunicações e Artes e, principalmente, em Música, que, há anos vinham sendo desenvolvidos na Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da USP eram totalmente desconhecidos da grande maioria. Tudo era novidade. Ficava um entusiasmo de parte a parte que parecia contagiante. Queriam saber de tudo. Queriam comprar tudo: as revistas, os livros do acervo, as partituras, as fitas, tudo. A Biblioteca virou uma central de difusão de informações na área. Queriam que funcionasse durante toda a noite!

O interesse é que o acervo era mínimo, embora de qualidade, o que nos leva a concluir que Biblioteca é mais serviço do que acervo. De que adiantam centenas de prateleiras de obras inúteis, como encontramos em muitas cidades? "Troque um amontoado de livros por uma Biblioteca".

Assim, achamos importante que a Biblioteca funcionasse, durante o Festival, como centro irradiador, passando todas as informações disponíveis a respeito de bibliotecas, editores e livrarias, bem como informações bibliográficas que nos foram solicitadas.

Quase sem querer, mas conscientes da importância do que estávamos fazendo, acabamos virando agentes de assinaturas de revistas e de vendas de livros de professores presentes ao festival. Recebemos, também, centenas de encomendas do Serviço de Difusão de Partituras, da ECA/USP, feitas por professores e regentes de coro em busca de um repertório.

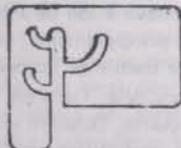
No contato com os boletins do interior, a grande maioria professores de Educação Artística da Rede Estadual de Ensino, ficou muito clara e premente a necessidade da criação de bibliotecas em todos os municípios ou da melhoria das já existentes. As bibliotecas, atuando como verdadeiros centros culturais em seus municípios, estariam incentivando não apenas a leitura, mas todas as manifestações artísticas e culturais da cidade. Estariam servindo de apoio à Escola e contribuindo, por exemplo, para a educação continuada dos professores da cidade, permitindo-lhes de maneira mais nítida na vida da comunidade.

As bibliotecas municipais, atuando integradas num sistema significariam a ruptura do cordão de isolamento da cidade com o resto do mundo. Por outro lado, seriam também as antenas que captariam todo o tipo de contribuição artística e cultural que aquele município pudesse levar a outras cidades e à capital. O bibliotecário funcionaria, acima de tudo, como animador cultural, como agente transmissor de informação, como o elemento que cutuca, que congrega, que integra.

Esta idéia é um projeto. Há algumas pessoas trabalhando com muita garra para fazê-lo concretizar-se. É preciso que a comunidade se mexa. É preciso que o Governo do Estado dê força.

A Biblioteca é elemento de integração. Foi assim nos quinze dias em que ela existiu no Festival. Vai ser assim quando ela passar a existir com todo o brilho e com toda a força de atuação necessária nos quinhentos e setenta e um municípios paulistas.

"Leer, por lo pronto, es una actividad posterior a la de escribir: más resignada, más civil, más intelectual" (J. L. Borges)



SERIDÓ
livros

Sociologia — Política — Filosofia
História — Literatura

Av. Ipiranga, 200 — Galeria Copan — Loja 40 —
Tel.: 259-9625 — CEP 01046 — São Paulo

DOCUMENTOS

Reproduzimos nesta edição dois documentos de interesse dos pesquisadores e profissionais da comunicação. O primeiro é uma declaração da Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro (FAMERJ), entidade que congrega cerca de 300 associações de bairros daquele Estado, sobre a democratização dos meios de comunicação. Esse documento foi encaminhado ao *Boletim Intercom* pelo sócio Julio Worcman, que está desenvolvendo um projeto sobre comunicação comunitária e participativa como bolsista do CNPq. Worcman ressalta a importância do documento do FAMERJ, por ser a primeira vez que um movimento popular elabora e aprova uma extensa análise dos sistemas e recursos de comunicação e ainda propõe medidas que possam melhorá-la. O segundo é o texto da proposta preliminar que o CNPq, através da sua Superintendência de Desenvolvimento Social, está encaminhando às comunidades científicas e jornalísticas visando a implementação de um Programa de Incentivos ao Jornalismo Científico. Esse documento foi elaborado por sugestão de Celio da Cunha, superintendente da SDS, e mereceu apreciação prévia das entidades que integram o grupo assessor de jornalismo científico do CNPq: ABJC, FENAJ, INTERCOM.

Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro "FAMERJ"

AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES E A DEMOCRATIZAÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

I. INTRODUÇÃO

As Associações de Moradores têm encontrado dificuldades para mobilizar, ampliar e consolidar a participação dos moradores. Sem sobra de dúvida, podemos dizer que *parte* desse problema está diretamente ligado aos meios de comunicação de massa: seu uso, produção, conteúdo e transmissão.

Um exame da situação dos meios de comunicação no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro — área de atuação da FAMERJ — mostra que essas dificuldades de comunicação atingem não só às Associações de Moradores, mas também aos movimentos populares e à população como um todo.

Para começar, os meios de comunicação impressa alcançam apenas 20% da população. Apesar de esses 20% serem constituídos por formadores de opinião que multiplicam a informação recebida, é negável que a penetração dos jornais é muito baixa. O que salva esse quadro, de 80% de pessoas que não têm acesso ao jornal, são os meios de comunicação eletrônica: rádio e televisão.

Temos muitas estações radiofônicas e, no Estado, existem cerca de 2 milhões de aparelhos de rádio. O rádio, no Brasil, atinge 85% da população, sendo uma das formas mais tradicionais de comunicação. Com relação à televisão, nosso Estado é o mais importante centro de produção. Aqui estão instaladas a Globo e a TVE, devendo inaugu-

rar-se, em breve, a TV Manchete. Existem, ainda, três estações repetidoras que chegam também a produzir: a TVS, a Bandeirantes e a TV Record.

Entretanto, o fato de haver aqui muitas estações de rádio e de televisão não elimina os problemas de comunicação, pois esses meios se acham na mão de poucos. Não noticiam tudo aquilo que a população quer e precisa saber. Antes de mais nada, seus objetivos são conflitantes com os da população em geral. São objetivos comerciais destinados a transformar os expectadores e ouvintes em consumidores desta ou daquela marca, deste ou daquele produto, deste ou daquele programa — em especial daqueles programas que forçam preconceitos, credices e valores individualistas. Sendo essa a realidade, não poderão chegar à grande maioria da população as aspirações e necessidades das comunidades e de movimentos como o das Associações de Moradores, pois estes não dispõem de recursos que permitam ter seu próprio veículo de comunicação para transmitir e receber informações específicas, levantar questões e discutir assuntos de seu interesse. A verdade é que, no que depender dos grandes meios de comunicação, as comunidades permanecerão desinformadas sobre seu dia-a-dia, impedidos de ter acesso aos grandes meios de comunicação se um assunto de seu interesse for um daqueles que firam os interesses dos grandes proprietários desses meios — Por exemplo: hoje dificilmente as Associações de Moradores conseguem espaço para tratar do problema da especulação imobiliária porque as grandes construtoras são as grandes anunciantes.

Esse quadro, porém, não é de agora. Tem raízes profundas e históricas. Tal situação vem de muito tempo, tendo-se acentuado bastante depois de 1964. E a tendência hoje é a de que uma só organização, mantendo a falsa aparência de competição seja proprietária, ao mesmo tempo, de vários meios de comunicação — jornais, revistas, editoras e gráficas, estações de rádio e de televisão, etc., o que caracteriza uma situação de controle quase absoluto sobre a informação, passando adiante apenas o que lhe interessa. O maior exemplo de concentração empresarial no setor da comunicação são as Organizações Roberto Marinho (Som Livre, TV Globo, Rio Gráfica, Educação e Cultura, Globotec, Rádio Globo, O Globo, Transage, Victory, Rio Gráfica Editora, etc.).

Como quem detém a informação é quem fica sendo o dono do poder, vemos que os movimentos populares devem mobilizar-se para denunciar essa situação na área da comunicação, bem como criar formas próprias e alternativas de comunicação que permitam furar tal cerco.

Na verdade, é necessário um amplo debate sobre o direito e acesso à comunicação. Foi pensando nisso que a FAMERJ instituiu um grupo de trabalho composto por representantes das Associações de Moradores e do SOCII — Pesquisadores Associados em Ciências Sociais, para discutir o problema e levá-lo ao conjunto do movimento de modo a aprofundar e ampliar o espaço já conseguido nos meios de comunicação, bem como para identificar e aperfeiçoar maneiras eficazes de comunicação para o movimento associativo.

II. COMUNICAÇÃO — UMA QUESTÃO DEMOCRÁTICA

Além desses problemas, no que se refere às questões de comunicação, as Associações de Moradores se defrontam com um outro problema: o poder público.

Na medida em que a sociedade brasileira luta para conquistar seu direito e acesso à comunicação, encara a seguinte realidade: os meios de comunicação de massa são mecanismos eficazmente usados com o fim de convencer a população das boas intenções

de um governo autoritário; para isso desinformam, transmitindo uma visão otimista da realidade nacional — na verdade em crise permanente — e refreiam e calam a sociedade civil através da censura.

O fato é que, em nosso país, a comunicação e os serviços de telecomunicações prestados pela União se acham sob um controle ilimitado do Governo Federal, que concede, sob condições e temporariamente, o uso de canais de transmissão, podendo revogar essas concessões sob os mais diferentes pretextos, além dos previstos em lei. A legislação da radiodifusão (rádio e televisão) é regida pela Doutrina da Lei de Segurança Nacional e aplicada e regulada por vários órgãos federais: DENTEL (função fiscalizadora), EMBRATEL, TELEBRÁS etc.

A prática desses órgãos não raro conflita com as práticas dos grandes monopólios de comunicação e informação, mas no geral é mantido um equilíbrio aparente entre a política nacional das telecomunicações e a prática desenvolvida pelos grupos proprietários dos meios de comunicação. Uma coisa, porém, não conflita: a sociedade civil não é ouvida ou consultada, em nenhum momento, acerca de suas necessidades reais e dos conteúdos das comunicações. Assim, o projeto de um novo Código Nacional de Telecomunicações recebeu subsídios dos setores empresariais, dos tecnocratas e do pessoal da indústria eletro-eletrônica mas o usuário final, a população, as Associações de Moradores e outras entidades que representam e defendem o interesse público não foram até agora chamadas a opinar.

É contra este tipo de prática e dominação que as Associações de Moradores, ao lado das várias entidades da área da comunicação (Sindicato dos Jornalistas, Sindicato dos Radialistas, ABTI, ABERT, OAB, Sindicato dos Sind. dos Trab. Empresas da Radiodifusão) se devem manifestar, mobilizando seus representantes no Congresso Nacional para que defendam o interesse da população brasileira quando da votação do novo Código de Telecomunicações para que este atenda a reclamos e necessidades de uma maioria.

III. AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES E A COMUNICAÇÃO IMPRESSA

Embora os interesses sejam conflitantes, a força do movimento associativo vem desde 1978 forçando a abertura de espaços na grande imprensa para assuntos específicos das Associações de Moradores e da FAMERJ. E o espaço conquistado não se limitou a matérias impressas, mas também à existência e manutenção de colunas permanentes, com profissionais especialmente dedicados ao assunto. Isso, entretanto, está longe de ser uma situação ideal, mas é o resultado de uma conquista que na prática se deve intensificar na direção da ampliação e coletivização da informação e da comunicação, procurando interferir o máximo possível em seu alcance e conteúdo.

No que se refere à comunicação interna das Associações de Moradores também há problemas. A alternativa encontrada pelos moradores para veicular os assuntos de seu interesse e divulgar o movimento foram os boletins e jornais comunitários, que de sua tarefa ainda não dão conta com eficiência e efetividade. Não são regulares, sua divulgação não é tão ampla quanto o desejável, e são altos os custos de produção, impressão e distribuição. Além disso, os moradores desconhecem algumas regras básicas que auxiliam a produção desse material. A propósito, uma sugestão a ser feita seria de se poder contar com o apoio de entidades da área (Sindicato dos Jornalistas, ABI, Cooperativa de Profissionais de Imprensa, Sindicato dos Gráficos) no que se refere à orientação das Associações na produção, editoração, comercialização e distribuição de seus jornais e

boletins através de cursos, seminários, apostilas etc. Uma outra opção para enfrentar os custos de um jornal seria a edição de jornais por zona. Outras sugestões para encaminhamento da discussão podem ser enumeradas: colocação à disposição das Associações da Imprensa Estadual para imprimir a preço de custos esses jornais e boletins, esquemas de valorização dos jornais junto aos leitores para que atraia efetivamente uma programação comercial etc.

IV. O RÁDIO E A TELEVISÃO

Em nosso Estado os jornais e revistas têm pouca penetração, pois o analfabetismo e o semi-analfabetismo são uma realidade. Por isso, o rádio e a televisão passam a ter grande importância, e, por suas características, desempenham papel importantíssimo na mobilização e comunicação popular, representando um fato real que deve ser discutido pelo movimento.

Para atender às necessidades de informações e de comunicação dos moradores, temos dois pontos a considerar: (1) a concessão de licenças para operar as estações de rádio e de televisão, e (2) os objetivos e conteúdos de suas programações. As licenças e sua concessão decorrem sempre de uma decisão política do Governo, que baseado na legislação das telecomunicações atende aos interesses da indústria privada — especialmente a multinacional — e aos projetos e políticas da ideologia desse mesmo Governo. Com isso o que se transmite são os programas voltados ao consumo, aos interesses comerciais e à manutenção da população na desinformação ou informada incorretamente: os ideais são os da classe média; o final é sempre feliz: o branco é sutilmente apresentado como superior ao negro; o pobre pode enriquecer a qualquer momento; o indivíduo sozinho, e não coletivamente, pode resolver tudo; a sociedade é livre; e tudo é válido para se buscar a felicidade, o que faz com que os ouvintes e/ou expectadoras não tenham uma consciência crítica a respeito desses valores e conteúdos. Em recente novela da televisão, um migrante nordeste tem sua vida toda mudada para melhor depois que é atropelado por uma moça rica — com isso caracterizam o desemprego ou a ascensão social como situações que são resolvidas pessoalmente, e não coletivamente e organizadamente, quando essa é a verdadeira saída.

Diante disso e dos altos custos dos equipamentos importados, a concessão de canais vai sempre para organizações e grupos poderosos que estão comprometidos com os valores apontados e são sempre beneficiados, inclusive em detrimento da indústria nacional e do pequeno investidor, com isenções fiscais para a importação dos equipamentos, o que caracteriza e aprofunda nossa dependência da tecnologia externa (ex.: para se instalarem as emissoras importam equipamentos isentos de impostos, enquanto um cidadão para ter sua máquina pagará todos os impostos).

Descentralizar a concessão de canais e abrir espaços para uma distribuição mais ampla dos serviços de telecomunicações são um imperativo para que sejam atendidas as necessidades culturais, educacionais, de divertimento e de comunicação da população local. Assim, não devemos procurar interferir apenas na criação de um novo Código de Telecomunicações, devemos atuar com relação ao que já existe, exigindo, particularizarem assuntos e notícias, reservando horários para tratar de problemas das comunidades. Podemos também pensar na utilidade de se montar comunidades de produção independentes com a possibilidade de colocar programas nas grandes redes. Uma outra alternativa é a de propor mecanismos outros para que seja acolhida a opinião da população sobre concessões e programação.

Especialmente no que se refere às emissoras radiofônicas, deve ser repensado o papel das emissoras em FM, que de alcance limitado, poderiam prestar-se muito bem a uma programação comunitária, em lugar de transmitirem fitas gravadas estrangeiras em quase todo seu horário de funcionamento.

IV. 1 — Radiodifusão Educativa e Cultural

Atualmente não há mais como negar a importância dos meios de comunicação de massa na educação. A radiodifusão educativa e cultural tem muito a contribuir para um processo de mobilização e de emancipação cultural e política do Estado e do país. É claro que não falamos da radiodifusão educativa do Projeto Minerva de sustentação de um modelo econômico determinado, ou dos cursos supletivos da Fundação Roberto Marinho da TV Globo — recentemente denunciados na imprensa e feitos pela iniciativa privada à revelia do próprio MEC. Falamos de uma produção cultural educativa que realmente respeite a cultura popular programada com base nas necessidades reais, e na qual os órgãos governamentais responsáveis não repassem à indústria privada sua tarefa básica de dar conta do sistema nacional da educação.

No que se refere à radiodifusão em nosso Estado, há um dado bastante curioso: diferentemente de outros Estados e apesar de ser o maior centro de produção do país, o Rio de Janeiro não tem sua própria televisão educativa, pois a TVE é uma Fundação controlada pelo Governo Federal, hoje em posição política bem diferente da do Governo Estadual. Merece, pois, ser debatida a estadualização do Canal 2.

IV. 2 — Rádio Roquete Pinto (AM e FM)

Como meio de comunicação administrado pelo Governo do Estado, a Rádio Roquete Pinto deve ser tratada cuidadosamente. Como sugestões para discussão e democratização desse canal de comunicação, cabe de saída recomendar que a Roquete Pinto preserve seu caráter de rádio educativa e cultural, refletindo em suas programações uma política democratizante das comunicações e um compromisso social e político com a maioria da população, e recomendar também que sua antena seja mais potente, para ampliar o alcance de seu sinal e assim atingir maior número de ouvintes. Julgamos que devem ser estudados os meios de conseguir que a Roquete Pinto inclua normalmente em seus programas a discussão de assuntos comunitários e das Associações de Moradores.

IV. 3 — As Rádios Participativas

Em muitos países já existem as rádios participativas, que são pequenas unidades de transmissão com 2 a 10 watts de potência de alcance muito limitado e que não interfere nas transmissões comerciais. As rádios participativas são instaladas nas comunidades, sendo por elas próprias operadas. Seu custo é relativamente baixo, e uma vez feito o investimento inicial (antena e transmissor) pouco exigem para sua manutenção. Nisso elas diferem muito dos jornais e da televisão. As vantagens principais das rádios comunitárias são as seguintes: com a participação de todos podem tratar, extensa e profundamente, dos interesses e problemas da localidade em que são instaladas; atingem um número de pessoas muito grande ao mesmo tempo; e permitem que os moradores se mantenham informados e atualizados com relação ao que está acontecendo em sua associação e no movimento.

No Brasil, entretanto, as rádios de baixa potência ainda não estão previstas em lei, pois as telecomunicações sempre foram tratadas em função de outros interesses que não os da maioria da população. As Associações de Moradores devem lutar para que esse tipo de informação e comunicação, acessível a um número maior de pessoas, seja regulada por lei, sendo as Associações consideradas como parte legítimas para receber a concessão de licenças para operar as unidades. As rádios comunitárias e participativas são uma alternativa de ampliação e consolidação de espaço de participação e comunicação, devendo por isto o movimento, em vez de simplesmente aguardar a votação do novo Código, requerer ao DENTEL a licença para operar uma rádio de baixa potência.

As Associações de Moradores devem discutir essa questão bem como analisar e debater outros mecanismos de comunicação existentes (Cineclube, Audiovisuais, Produção Cinematográfica etc.).

Devido à importância e à complexidade da questão COMUNICAÇÃO as Associações de Moradores deveriam propor a formação, dentro da FAMERJ de uma comissão permanente para aprofundar a pesquisa e a avaliação do tema, responsabilizando por levar adiante as conclusões e recomendações do Congresso.

PROGRAMA DE INCENTIVO AO JORNALISMO CIENTÍFICO

Proposta Preliminar – CNPq/SDS

1. SITUAÇÃO ATUAL

A sociedade brasileira sabe muito pouco a respeito das suas instituições de pesquisa, dos seus cientistas e tecnólogos, e do trabalho que se realiza em prol dos desenvolvimentos científico e tecnológico.

A conclusão, embora pudesse representar a realidade de muitas nações, é ao mesmo tempo, um desafio à divulgação científica e uma realidade típica de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, onde os investimentos com a educação e o índice de alfabetização não chegam a ser ideais.

Some-se a isto o fato de que nem tudo o que se divulga sobre ciência e tecnologia pode ser considerado de bom nível, justamente em função do público a que se destina a mensagem, não iniciado na informação técnica, mesmo quando “traduzida” para a média cultural da população.

Entre nós, no Brasil, “quase tudo o que se publica tem a marca do sensacional ou da superficialidade. É o inusitado ou o fantástico que dá o destaque. Coisas como “bebê de proveta”, drogas milagrosas para a cura do câncer, biorritmos, efeito transcendental das pirâmides, discos voadores, são os pratos prediletos” como diz Ethevaldo Siqueira.

De outro lado, boa parte do que se divulga pouco, ou quase nada, tem a ver com o que se pesquisa no Brasil. É, mesmo assim, são ainda poucos os veículos de comunicação social brasileiros que praticam o que, tecnicamente, chamamos de “jornalismo científico” de forma sistematizada. Com uma maior incidência, somente alguns jornais da chamada grande imprensa nacional, e revistas, também nacionais e de grande circulação, vêm incluindo artigos e notícias, ou dedicando seções, sobre assuntos científicos.

A título de citação, é possível lembrar o interesse por esse tema de parte da “Folha de São Paulo”, de “O Estado de São Paulo”, e dos jornais cariocas “Jornal do Brasil” e “O Globo”, além das revistas “Veja”, “Isto É” e “Visão”.

Há destaques para jornais de porte médio, de circulação exclusivamente regional, que também têm se esforçado para divulgar ciência e tecnologia e despertar leitores para tais assuntos.

No caso da televisão, necessário se faz dividir a sua ação. No ramo da TV educativa, desvinculada da preocupação com o lucro e mais comprometida com a comunidade em que está inserida, ocorreram, nos últimos anos, alguns esforços, quase sempre interrompidos devido a fatores adversos.

Quanto à TV comercial, há algumas tentativas em andamento, merecendo destaque o programa “Globo Rural”, de reconhecido valor em termos de difusão de tecnologia agrícola.

Em outros países, é comum a existência de programas de divulgação e de educação científica e tecnológica. No México, por exemplo, há programas semanais de TV dedicados à ciência e ao desenvolvimento tecnológico.

Considerando-se o fato de não ser expressiva a tiragem média dos nossos principais periódicos, conclui-se que o jornalismo científico impresso, no Brasil, encontra-se numa etapa bastante incipiente, o que tem prejudicado seriamente a formação de uma consciência sobre a importância econômica, política e social da ciência e da tecnologia.

Se no jornalismo impresso, que se dirige à camada mais alfabetizada ou mais acostumada à leitura, o quadro é esse, somos forçados a concluir, também, que os programas de emissoras de rádio e TVs, muito mais voltados para a superficialidade — embora com maior alcance popular e nacional — pouco se voltam para essa área de divulgação e educação.

E, falando em divulgação e educação, vamos ver que o investimento em divulgação da ciência e da tecnologia, no jornalismo científico, é, antes de tudo, investir em educação, especialmente se essa aplicação puder ser feita no rádio e na TV que, juntos, alcançam perto de 80% de toda a população do país.

Por fim, quem sabe onde estão os 1.200 jornais brasileiros (segundo fonte da “Associação Brasileira de Jornais do Interior”), as 2.700 emissoras de rádio e TV, os periódicos de entidades de classe, os de circulação dirigida, as revistas de todos os tipos e para todos os públicos?

A divulgação jornalística da ciência e da tecnologia é instrumento de educação, é arma de defesa do consumidor, define nível cultural, representa desenvolvimento.

Portanto, um programa de incentivo ao jornalismo científico torna-se, realmente, um desafio a ser aceito por todos os que queiram transformar o jornalismo em instrumento de progresso e de cultura, destinado a informar e formar consciência.

2. CAUSAS

O jornalismo científico é a atividade jornalística voltada mais especialmente para a divulgação dos atos e fatos ligados à ciência e à tecnologia, portanto requerendo que os seus militantes tratem com naturalidade a sua terminologia, o seu ambiente, as suas pesquisas, e a necessidade de não se ter pressa para a obtenção de um resultado, junto com a prática de “traduzir” para os seus leitores, ouvintes ou telespectadores o fato ou experiência.

Nesse raciocínio, vamos chegar a uma conclusão prévia e necessária: quem faz jornalismo científico é o jornalista, objetivo maior de um programa de incentivo; ao cientista cabe a divulgação científica, que não se confunde com a atividade jornalística justamente por visar espaços e veículos eminentemente técnicos não dirigidos nem voltados para o grande público, para o povo.

A rigor, ainda não foi feito, no Brasil, um diagnóstico exaustivo e conclusivo da situação do nosso jornalismo científico. É das discussões e debates que estão sendo feitos sobre o assunto que surgem, com frequência, as seguintes conclusões e comentários.

a) temos pouca tradição de jornalismo científico, e muito do que se divulga é importado ou pertence ao gênero "sensacionalismo", gerando mais temores e modismos do que educação massiva pelos veículos de comunicação social;

b) falta um maior entrosamento entre cientistas/sociedades científicas e os jornalistas, gerando essa falta de diálogo uma natural dificuldade para divulgar as pesquisas incluídas aqui as universidades;

c) em consequência, inexistem fontes permanentes de informação, nas instituições de execução ou financiamento da pesquisa (ou nas universidades), que possam favorecer o trabalho do jornalismo científico;

d) o resultado de todas essas causas é o pouco espaço que, por enquanto, os meios de comunicação social, no Brasil, dedicam aos assuntos de ciência e tecnologia.

Embora um diagnóstico mais amplo e profundo possa revelar outras causas, é necessário destacar que, hoje, já se divulga, sem preocupação com o rigor da correta informação, muitas matérias sobre ciência e tecnologia, tais como as notícias sobre causas, consequências, benefícios e prejuízos de um certo tipo de tratamento de água, astrologia, o debate sobre os detergentes biodegradáveis, o estímulo para vida ao ar livre e o esporte, a orientação sobre produtos importados e submetidos ao povo, necessidade de tratamento dentário infantil, água encanada, esgotos, andar calçado, etc.

3. MEDIDAS QUE SE TORNAM NECESSÁRIAS

Fruto das reuniões e debates que o CNPq/SDS vem efetuando com jornalistas e cientistas, as medidas a seguir relacionadas vêm aparecendo com maior frequência para justificar um programa de incentivo a ser montado e cumprido:

a) edição de um guia anual ou bianual das pesquisas em ciência e tecnologia desenvolvidas no Brasil, sob o patrocínio do CNPq e a "Associação Brasileira de Jornalismo Científico", a exemplo de modelos já adotados em outros países, com ementa, autores, laboratório, início e fim da pesquisa, responsáveis por contatos e informações sobre ela, bem como informações sobre seus benefícios e causas/origens;

b) promover um levantamento de quem faz jornalismo científico no país, e quem se dedica à divulgação científica, levando-lhes informações permanentemente, e incentivando-os a atrair mais companheiros para a atividade;

c) incentivar a Associação Brasileira de Jornalismo Científico a estimular a criação de Regionais da ABJC, através das quais, em combinação com os Sindicatos de Jornalistas, se promovam mesas redondas, seminários, simpósios e até congressos, além de cursos e sessões públicas destinados à ampliação da divulgação dos temas científicos e tecnológicos. Aqui, é importante o entrosamento regional com as universidades, que coordenariam as promoções, de comum acordo com o CNPq e a ABJC. O programa seria, basicamente, destinado a dar apoio maior aos atuais jornalistas científicos e incentivo aos outros profissionais que se interessem ou queiram se dedicar ao tema;

d) ação, junto aos setores científicos e cientistas, em favor de consolidação de um programa de aproximação entre cientistas e jornalistas, visando ao aumento da divulgação de notícias sobre ciência e tecnologia, órgãos regionais e nacionais da área, centros universitários, sociedades científicas, e temas para orientação comunitária;

e) estimular jornalistas para os assuntos de ciência e tecnologia, através da organização de estágios em instituições de pesquisa científica e tecnológica para profissionais militantes;

f) organizar estágios, em veículos que se dedicam à ciência e tecnologia ou em instituições científicas e tecnológicas, destinados a estudantes de jornalismo;

g) apoiar e estimular, além de organizar, sempre que possível, cursos, reuniões, simpósios, seminários, debates e até congressos sobre jornalismo científico, sempre em dois níveis: 1 - regional: com integração entre CNPq, universidade, entidades de jornalistas, programa previamente organizado e bem divulgado, e livre participação para jornalistas militantes na região, garantindo-se vagas para profissionais jornalistas que trabalhem em emissoras de rádio e TV e os que se dedicam à publicidade ou atuem em assessorias de imprensa de órgãos que se dedicam à ciência e tecnologia; 2 - nacional: destinados a jornalistas e cientistas que se dedicam ao jornalismo científico e à divulgação científica, com o objetivo de buscar meios para se ampliar os espaços para o jornalismo científico e tecnológico e garantir a expansão deste programa, bem como integrar brasileiros e estrangeiros em torno do tema;

h) organizar, no âmbito do CNPq, um serviço regular de informação sobre pesquisas em andamento e de atos e fatos científicos e tecnológicos, destinado a ampliar a circulação de informes sobre a área para jornalistas. O mesmo deve ser incentivado, pelo CNPq, para ser implantado e mantido a nível das universidades;

i) organizar um serviço de solicitação de produção e de distribuição de sugestões para matérias jornalísticas versando sobre ciência e tecnologia, com participação de jornalistas e cientistas, para serem distribuídos a pedidos das publicações brasileiras - jornais e revistas - e por veículos eletrônicos, agências publicitárias e instituições universitárias;

j) criação de um canal de fornecimento de notícias da área de ciência e tecnologia para pronto atendimento de solicitações de material dessa área, qualquer que seja o local onde esteja o jornalista dedicado à ciência e tecnologia;

l) incentivar a produção e a edição de livros sobre jornalismo científico, bem como o intercâmbio entre brasileiros e estrangeiros que se dediquem a ele;

m) estudar a possibilidade de promover, anualmente, reunião nacional de jornalistas dedicados à divulgação dos assuntos científicos e tecnológicos, em combinação com ABJC, para debater os problemas do setor, com presença dos profissionais de maior experiência na área e de militantes que se iniciam na atividade especializada;

n) incentivar visitas de jornalistas científicos a instituições de pesquisa e universidades, especialmente brasileiras e latino-americanas;

o) apoiar experiências de jornalismo científico e de concursos de monografias em escolas de comunicação social;

p) incentivar a criação de programas de ciências e tecnologia nas emissoras de rádio e de televisão, em todo o país, de preferência com assuntos regionais. Se possível, produzir programas nacionais e eventuar sua veiculação regional através de universidades, sindicatos de jornalistas, regionais da ABJC, etc.;

q) programar uma ação permanente de sensibilização de empresas e empresários jornalísticos (proprietários de jornais, emissoras de rádio e TV, agências de publicidade, etc.) para que dediquem maior espaço aos assuntos de ciência e tecnologia, e inclusive descubram neles novas fontes motivacionais de veiculação comercial garantidora da sobrevivência da empresa. Essa estratégia, certamente, irá conscientizar novos segmentos sociais para a importância do tema para o desenvolvimento nacional.

Finalmente, cabe dizer que a ordem das sugestões propostas não foi fixada em escala decrescente de importância ou prioridade, além de não estar fechado aqui o rol de medidas que devam ser adotadas para, postas em prática, contribuírem, efetivamente, para incentivo do jornalismo científico e seu desenvolvimento entre nós. O mais importante é a consciência de que este programa é um desafio que precisa ser aceito para alcançarmos maior índice de informação e conscientização do povo brasileiro, para a importância do conhecimento e do reconhecimento de que a ciência e a tecnologia mais conhecidas representarão melhores dias para todos.

UNDA
AL

COMUNICACION

9

estudios y
documentos

ASOCIACION CATOLICA LATINOAMERICANA
PARA LA RADIO Y LA TELEVISION

Apartado 8009
Tel.: 2 436293
BOGOTA - COLOMBIA

4 NOMIC: los principales puntos del debate
William F. Fore

10 El nuevo orden de información y comunicación: una perspectiva cristiana
Asociación Mundial para la Comunicación Cristiana (WACC)

25 Comunicación y pluralismo: alternativas para la década
Documentos

34 Comunicación para la democracia y el desarrollo
Documentos

BIBLIOGRAFIA CORRENTE DE COMUNICAÇÃO

Nº 39/40, maio/agosto, 1983

Editor: José Marques de Melo

Editor Adjunto: Tereza Lucia Holliday

Supervisão bibliográfica: Maria Christina da Silva Souza

Irati Antonio

Sueli Aparecida Torres

Publicação editada pelo PORT-COM – Centro de Documentação da Comunicação nos Países de Língua Portuguesa – órgão complementar da INTERCOM, mantido com a colaboração da Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da USP.

Endereço para correspondência: Caixa Posta 20793 – São Paulo 01498 – SP

A. BIBLIOGRAFIA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Biblioteca

MILANESI, Luis – *O que é biblioteca*. São Paulo, Brasiliense, 1983

Ensaio histórico-cultural sobre o papel da biblioteca na sociedade brasileira e suas transformações contemporâneas em face da reforma do ensino que tornou compulsória a pesquisa bibliográfica no 2º grau.

Cinema

GALVÃO, Maria Rita e BERNARDET, Jean-Calude – *Cinema – As idéias do "nacional" e "popular" no pensamento cinematográfico brasileiro*. São Paulo, Brasiliense/Embrafilme, 1983

Estudo sobre o "nacional" e o "popular" no cinema brasileiro, a partir dos textos publicados por cineastas e críticos no decorrer deste século.

MACEDO, Felipe – *Movimento cineclubista brasileiro*. São Paulo, Cineclubes da FA-TEC, 1982

Esboço histórico do cineclubismo brasileiro, sua ligação com a sociedade e com o cinema, seu papel social e suas perspectivas em face da "abertura" política.

MACHADO, Arlindo – *Eisenstein*. São Paulo, Brasiliense, 1982

Biografia do cineasta bolchevique e sua contribuição inovadora para o cinema soviético.

Fotografia

KUBRUSLY, Claudio A. — *O que é fotografia*. São Paulo, Brasiliense, 1983
Obra de divulgação sobre a fotografia como meio de expressão pessoal e sobre o seu lugar no contexto das artes visuais, sem deixar de esboçar a trajetória da fotografia na busca de uma sintaxe própria.

Jornalismo

BARBOSA LIMA SOBRINHO — *Direito de Informação*. Brasília, Senado Federal, s/d
Ensaio jurídico-social sobre a informação pública e o jornalismo, fundamentado numa revisão histórica sobre a questão da liberdade de imprensa e de opinião.

BIBLIOTECA NACIONAL — *Paulo Barreto, 1881-1921*. Rio de Janeiro, 1981
Catálogo da exposição comemorativa do centenário de nascimento do escritor e jornalista carioca que se tornou célebre pelo pseudônimo João do Rio. O catálogo inclui os livros publicados, a produção jornalística, os manuscritos e também alguns estudos sobre o autor. No seu prefácio, Homero Senna resgata a imagem do escritor, caracterizando-o como "cronista de uma época".

DIAS, Maria Esther B. — *A dialética do cotidiano*. São Paulo, Cortez Editora, 1982
Estudos sobre a dialética do cotidiano num conjunto habitacional do Rio de Janeiro, privilegiando as relações sociais que cimentam a integração comunitária. Uma análise específica é a do jornal *Tribuna do Conjunto*, editado pelos jovens que ali residem.

JOFFILY, José — *Entre a Monarquia e a República — idéias e lutas de Ireneo Joffily*. Rio de Janeiro, Livraria Kosmos Editora, 1982.

Ensaio biográfico do político e escritor paraibano que editou, em Campina Grande, o jornal *Gazeta do Sertão*. Boa parte do volume é dedicada às vicissitudes e à bravura para a edição de um jornal no sertão nordestino.

LETRIA, José Jorge e José GOULÃO — *Noções de Jornalismo, história e técnica*. Lisboa, Livros Horizonte, 1982

Manual destinado aos estudantes de jornalismo, contendo informações sobre a trajetória do jornalismo português e sua luta contra a censura pré e pós-salazarista, sua natureza empresarial e sua dependência da publicidade. Contém ainda noções técnicas sobre a notícia e outros gêneros jornalísticos e elementos sobre a ética, a legislação e o ensino de jornalismo em Portugal, bem como sobre a imprensa "paralela" (alternativa).

LOPES, Victor Silva — *Iniciação ao Jornalismo*, 2ª ed., Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1981

"Compêndio elementar da atividade jornalística", contendo informações sobre as empresas jornalísticas de Portugal e sua sistemática de funcionamento, os gêneros jornalísticos, o exercício da profissão e os seus limites éticos e legais, além de uma breve história da imprensa portuguesa.

LOPES, Victor Silva — *Iniciação ao Jornalismo Audiovisual*. Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1982

Compêndio sobre a utilização do código sonoro e do código icônico pelo jornalismo, analisando desde a imagem nos jornais e revistas, o território do áudio e o território do audiovisual no rádio e na televisão portuguesa, até o uso das novas tecnologias da comunicação pelo jornalismo português contemporâneo.

MARX, LENIN, TROTSKY — *Imprensa e marxismo — uma coletânea de textos clássicos*. São Paulo, Centro Acadêmico Lupe Cotrim, ECA-USP, 1983

Escritos de Karl Marx e de seus exegetas e continuadores soviéticos sobre a questão da imprensa e do jornalismo no contexto da sociedade burguesa e no processo de construção da sociedade socialista.

PEREGRINO, Umberto — *O exercício singular da comunicação na vida e na obra de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, Edições da UFC, 1983

Resgate da atividade intelectual de Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões*, tendo como prisma principal sua atividade jornalística e sua comunicabilidade pessoal.

PEREIRA, Nilo — *Iniciação ao Jornalismo*. Natal, UFRN, Editora Universitária, 1982
Livro de memórias, em que o autor registra sua lembrança do jornalismo que praticou no Rio Grande do Norte e em Pernambuco e sua redescoberta do jornalismo no seu tempo, através das coleções de jornais e revistas que consultou contemporaneamente. Traça ainda alguns perfis de jornalistas nordestinos, entre os quais Câmara Cascudo e Gilberto Freyre.

Rádio

QUEIROZ E SILVA, Roberto Peres de — *Comunicação popular no rádio, uma experiência*, Revista Leopoldianum, vol. IX, N.º 26. Santos, Sociedade Visconde de S. Leopoldo, 1982

Estudo de caso de um programa radiofônico — "A Voz da Baixada" — produzido pela Diocese de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro. A análise do objeto estudado é precedida de uma revisão bibliográfica sobre o rádio como meio de comunicação, o rádio no Brasil e o rádio alternativo.

Relações Públicas

ALBUQUERQUE, Adão Eunes — *Relações Públicas*. Porto Alegre, Edição do autor, 1982

Enquete sobre o comportamento dos profissionais de Relações Públicas em relação ao Planejamento nas empresas em que trabalham.

DA VIÁ, Sarah Chucid — *Opinião Pública — técnicas de formação e problemas de controle*. São Paulo, Edições Loyola, 1983

Manual universitário destinado aos estudantes e professores de teoria da opinião pública nos cursos de relações públicas.

LODI, João Bosco — *Lobby & Holding — as bases do poder*. São Paulo, Pioneira, 1982

Análise das relações políticas das empresas, situando o papel do lobby, como letí-timo defensor dos interesses empresariais junto ao poder público, e sugerindo a ativação do holding, como instrumento de definição institucional e estratégia.

Televisão

PEREIRA, Carlos Alberto M. e MIRANDA, Ricardo — *Televisão — As imagens e os sons: no ar, o Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1983

Estudo sobre o "nacional" e o "popular" na televisão brasileira. Nas palavras dos autores: "o que pretendemos, efetivamente, é compreender melhor o processo através do qual a TV se relaciona ou se comunica com os telespectadores e vice-versa".

Teoria da comunicação

- BORDENAVE, Juan Diaz — *Além dos meios e mensagens*. Petrópolis, Vozes, 1983
Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência, analisando também as relações entre comunicação e participação.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie — *Walter Benjamin*. São Paulo, Brasiliense, 1982
Biografia do filósofo alemão que iniciou a reflexão (marxista) sobre a arte na sociedade industrial.
- HOLANDA, Ricardo A. R. de — *Os meios de informação e a questão dos aparelhos ideológicos do Estado*. Natal, UFRN, CCHLA, Departamento de Comunicação, 1982
Reflexões sobre o conceito althusseriano de "aparelhos ideológicos do Estado", particularmente sobre o papel desempenhado pelos meios de comunicação de massa.
- MENNA BARRETO, Roberto — *Análise transacional e caráter social*. São Paulo, Summus Editorial, 1983
Estudo sobre a tipologia social construída por David Riesman e seu conceito de "multidão solitária", utilizando o referencial de Eric Berne: "análise transacional". O autor é publicitário e resgata em suas reflexões toda a rica experiência profissional como produtor e difusor de mensagens persuasivas.
- MORTENSEN, C. David, org. *Teoria da Comunicação — textos básicos*. São Paulo, Editora Mosaico, 1980
Coletâneo de textos norte-americanos, utilizada nos cursos introdutórios de processo da comunicação humana. Os textos selecionados privilegiam a comunicação interpessoal e utilizam um referencial predominantemente psicológico.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla — *Barthes — o saber como sabor*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
Estudo bio-bibliográfico do inspirador e animador da semiologia francesa contemporânea.

Perfódicos

- Comunicação & Sociedade*, n.º 9. São Paulo, IMS/Cortez, 1983
Edição monográfica sobre comunicação transnacional/comunicação brasileira, contendo artigos de Emile Mc Anany, Jospe Straubhaar, Sérgio Matos, Carlos Eduardo Lins da Silva, Ciro Juvenal Marcondes, Luis Roberto Alves e outros pesquisadores brasileiros.
- Cadernos Intercom*, n.º 5. São Paulo, Cortez/Intercom, 1983
Edição monográfica dedicada ao tema — Carnaval Brasileiro: comunicação de massa ou folkcomunicação? Colaboram: Maria Isaura Pereira de Queiroz, Olga von Simson, Roberto Emerson Benjamin.
- Comunicação & Política*, n.º 1. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983
Debate com Alceu de Amorós Lima e entrevista com Armand Mattelart, além de vários artigos, escritos por Antonio Houaiss, Elizabeth Fox, Eliseo Veron, L. Gonzaga Mota e R. A. Amaral Vieira.

- O Correio da Unesco*, ano 11, n.º 5. Rio de Janeiro, FGV, 1983
Edição especial dedicada ao tema: informática e comunicação. Trata-se de uma contribuição às comemorações do ano internacional das comunicações.
- Família Cristã*, ano 49, n.º 569. São Paulo, Edições Paulinas, 1983
Edição comemorativa do ano internacional das comunicações. Discute em linguagem jornalística questões como o controle a manipulação do homem pelos meios de comunicação, o monopólio internacional da comunicação, a comunicação produzida pelos jovens brasileiros.
- Revista de Educação*, ano 11, n.º 44. São Paulo, AEC, 1982
Edição monográfica dedicada ao estudo das relações entre comunicação e educação, sugerindo temáticas para a leitura crítica dos meios de comunicação de massa.
- Religião e Sociedade*, n.º 9. Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editorial, 1983
Edição monográfica sobre "deuses, rituais e instituições do marxismo", resgatando e analisando criticamente os sistemas simbólicos peculiares às instituições marxistas. Merecem destaque: o ritual das festas comunista na Itália e anarquista no Brasil; as bibliotecas marxistas e as escolas de partido; a fabricação do carisma stalinista.
- Crítica da Informação*, n.º 2. São Paulo, Costa Filho & Editores Associados, 1983
Revista de análise e de interpretação das questões emergentes na indústria cultural brasileira, tendo como matéria de capa e messianismo eletrônico.
- Tecnologia Educacional*, n.º 51. Rio de Janeiro, ABT, 1983
Destaque: técnicas de leitura intensiva produtiva; planejamento da instrução para educação à distância; cabodifusão nos Estados Unidos.

B. BIBLIOGRAFIA SELETIVA EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Espanhol

- ACEVEDO, Juan — *Para hacer historietas*. Lima, Editorial Popular, 1982
Manual sobre a produção de história em quadrinhos, útil para os profissionais e artistas que trabalham na área e também para os animadores populares que atuam nos movimentos sociais.
- AGUIRRE, Jesus M., coord. — *Bolívar Superestrella*. Caracas, Centro de Comunicación Social, 1983
Edição monográfica do "Boletín Comunicación", dedicada a Bolívar e à comunicação nas comemorações do seu bi-centenário de nascimento. São artigos e ensaios que resgatam a autêntica tradição libertadora do bolivarianismo e denunciam a apropriação indevida que do mito do Bolívarismo e denunciam a apropriação indevida que do mito de Bolívar tem feito a indústria cultural do continente. Integra essa edição um índice de assuntos das matérias publicadas nas 40 edições anteriores daquela combativa revista venezuelana.
- GARGUREVICH, Juan — *La Cia y el Periodismo en America Latina*. Lima, Editorial Causachun, 1982.
Pesquisa-denúncia sobre a atuação da CIA nos meios jornalísticos latino-americanos, sua política de corrupção profissional e de deturpação dos fatos, além das práticas de "fabricação" de notícias.

CRÍTICA DA COMUNICAÇÃO

Ensino

CURRÍCULO MÍNIMO: MOROSIDADE NA APROVAÇÃO

O Conselho Federal de Educação está retardando inexplicavelmente a aprovação do novo currículo mínimo de Comunicação Social. Como se sabe, há um projeto de currículo elaborado por uma Comissão Especial, de que participaram estudantes, profissionais e representantes da ABEPEC. Tal projeto foi encaminhado para um relator, o bispo de Belo Horizonte, Dom Serafim, ex-reitor da Universidade Católica de Minas Gerais. Há informações extra-oficiais de que o projeto da Comissão e o parecer do Relator já foi retirado da pauta do CFE mais de uma vez, anunciando-se sua apreciação somente no segundo semestre (agosto ou setembro). Por outro lado, comenta-se que alguns empresários do ensino estão fomentando um *lobby* para pressionar o CFE no sentido de adiar a aprovação e implantação do novo currículo. O argumento dos donos de faculdades particulares estaria fundamentado nas dificuldades financeiras vividas pelo país, o que tornaria difícil o cumprimento das disposições do novo currículo, particularmente no que se refere aos laboratórios. Aliás, a questão dos equipamentos didáticos e laboratoriais indispensáveis aos cursos de comunicação constituiu sempre o "calcanhar de aquiles" do currículo, desde a aprovação da Resolução 3/78, que já exigia tais providências das escolas. Tanto o Currículo Bittencourt (78) quanto o Currículo Morejón (83) possuem deficiências e falhas, mas se há um ponto extremamente positivo em ambos é o item relacionado com a exigência de equipamentos e laboratórios. Por isso mesmo sua implantação vem sendo retardada. Espera-se que o CFE, enquanto entidade normativa do ensino superior brasileiro, não se deixe conduzir pelos interesses dos comerciantes educacionais e zele pela qualidade do ensino de comunicação, comprovando a afirmativa do seu presidente e alguns dos seus membros de que não há intenção de fechar aqueles cursos. Pois a atitude favorável à eliminação dos cursos de comunicação no país não se traduz apenas pela deliberação explícita de fazê-lo, mas caminha também pelo descaço em relação à melhoria dos seus padrões pedagógicos e científicos. E como se trata de cursos essencialmente profissionalizantes eles dependem da infraestrutura laboratorial para formar jornalistas, cineastas, publicitários capazes de ingressarem no mercado e de operarem as transformações sociais que a sociedade deles espera. O *Boletim Intercom* voltará a analisar criticamente o texto do currículo assim que ele estiver aprovado e oficializado.

PÓS-GRADUAÇÃO: COORDENAÇÃO LATINOAMERICANA

A principal consequência do Simpósio Latinoamericano de Estudos de Pós-Graduação em Comunicação Social, que a FELAFACS e a UNESCO promoveram em Lima, em junho, foi o início de uma coordenação entre os programas já existentes. Existem atualmente no continente 8 programas regulares de pós-graduação em comunicação social, dos quais 5 no Brasil. Os programas brasileiros estão localizados nas seguintes institui-

GARGUREVICH, Juan — *Generos Periodísticos*. Quito, CIESPAL, 1982

Ensaio teórico sobre os gêneros jornalísticos, suas raízes culturais e sua configuração na bibliografia e na prática profissional latino-americana. Trata-se de contribuição significativa para uma teoria latino-americana do jornalismo.

GOMES, Angel — *Manual de Diagramación*. Lima, Centro de Investigaciones en Comunicación, s/d

Texto didático, orientado para o treinamento de diagramadores dos jornais populares, mas também útil para os estudantes de jornalismo que se dirigem para o trabalho nas empresas industriais.

GOMES, Luis Aníbal — *Opinión Pública y Medios de Difusión*. Quito, CIESPAL, 1982

Compêndio universitário sobre teoria da opinião pública, elaborado como contribuição aos docentes das escolas de comunicação. Trata-se de um texto da melhor qualidade, que resgata criticamente a bibliografia internacional sobre essa temática e sistematiza algumas das reflexões hispano-americanas.

MATOS, Gabriel Niezen — *El Diario Marka — un proyecto de comunicación popular*. Lima, CIC, 1983

Estudo sobre o *Diário Marka*, experiência jornalística alternativa em processo no Peru. Trata-se de um jornal editado por uma cooperativa de jornalistas, subsidiado por alguns dos principais sindicatos de trabalhadores do Peru, adotando claramente uma linha editorial de esquerda.

MORA, Alba Luz — *La televisión en el Ecuador*. Guayaquil, Editorial Amauta, 1982

Monografia descritiva sobre a estrutura da televisão equatoriana e sua dependência em relação à doutrina de segurança nacional.

PEIRANO, Luis e KUDO, Tokihiro — *La investigación en comunicación social en el Peru*. Lima, DESCO, 1982

Inventário bibliográfico da pesquisa em comunicação social no Peru e avaliação das suas tendências atuais.

PRONIN, Eugenio Ivanovich — *Las bases marxistas-leninistas de la teoría del periodismo*. Lima, CIC, s/d

Apostila de um curso intensivo sobre a teoria marxista do jornalismo que o autor, professor da Universidade de Moscou, ministrou em Cuba, a convite da União dos Jornalistas Cubanos.

SOUSA, José Martínez de — *Deccionario General del Periodismo*. Madrid, Paraninfo, 1981

Inventário das expressões e das palavras-chave que pertencem ao universo profissional do Jornalismo, com anotações e comentários feitos pelo autor. Trata-se de uma fonte essencial para os que pretendem estudar sistematicamente as manifestações típicas do jornalismo contemporâneo.

VARELA, Claudia — *La prensa insurgente en Nueva España: un aparato de edición política ideológico, 1810-1813*. México, TICOM, 1982

Análise histórico-social da imprensa rebelde que surge em Nova Espanha no início do século passado e pretende romper a hegemonia hispânica

ções: Universidade de São Paulo (mestrado e doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro (mestrado e doutorado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (mestrado e doutorado), Universidade de Brasília (mestrado) e Instituto Metodista de Ensino Superior, em São Bernardo do Campo (mestrado). Os outros programas estão na Venezuela — Universidade Central de Caracas, México — Universidade Nacional Autónoma e Chile — Universidade do Chile, em Santiago. Três outros programas estão em processo de constituição: Universidade do Vale, Colômbia; Universidade de Lima — Peru; e Universidade de Córdoba — Argentina.

O Simpósio de Lima constituiu uma primeira aproximação entre os centros que se dedicam a estudos de pós-graduação, permitindo o mútuo conhecimento dos seus planos didáticos e das suas linhas de pesquisa. Sugeriu-se o início de um intercâmbio de estudantes e de professores, que dependerá naturalmente das condições de cada universidade. Entendeu-se também que encontros periódicos como aquele deveriam ser viabilizados para tornar efetiva a articulação científica entre as universidades que trabalham no campo da comunicação. É possível que a próxima reunião venha a se realizar no Brasil, em data não estipulada.

ENCONTRO NACIONAL DE ÓRGÃOS LABORATORIAS DE JORNALISMO

Decisão adotada pelos participantes reunidos no I Encontro Regional de Órgãos Laboratoriais de Cursos de Jornalismo, realizado em Campinas, em abril, pela PUCAMP, foi a de convocar um evento semelhante, porém com características nacionais, para o próximo ano. Outra decisão foi a de escolher a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como sede do evento.

Os professores e alunos dos cursos de jornalismo, reunidos em Campinas, fizeram um levantamento das principais questões que envolvem o funcionamento dos órgãos laboratoriais e constataram que as dificuldades enfrentadas são comuns e praticamente semelhantes a todas as universidades. Verificaram também que a solução para os problemas didáticos e científicos esbarra sempre nos óbices institucionais e na escassez de recursos, o que justifica a congregação nacional de esforços para superar as barreiras existentes.

Ao final do encontro regional, elaborou-se um documento, que resgatava muitas das contribuições já esboçadas por reunião anterior, de menor dimensão, ocorrida no ano passado em Santos. Tais proposições foram distribuídas a todos os cursos interessados pela PUCAMP e deverão ser retomadas pelos organizadores do encontro nacional.

Para a organização desse evento, chamado de I Encontro Nacional dos Órgãos Laboratoriais de Jornalismo, o Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP constituiu uma comissão, encarregada de fazer o planejamento inicial. Essa comissão é formada pelos professores Gisela S. Ortriwano, Alice Mitika e Dirceu Fernandes Lopes, todos integrantes da reunião de Campinas.

Em princípio, o encontro será realizado durante o primeiro semestre de 1984, em abril (semana santa) ou maio (feriados do trabalho). Previamente, far-se-á um levantamento dos órgãos laboratoriais que efetivamente estão funcionando nos cursos de jornalismo de todo o país, bem como aqueles que estão em processo de estruturação, para definir a magnitude do encontro. Espera-se que todos os representantes dos órgãos laboratoriais encaminhem com antecedência a descrição dos seus projetos pedagógicos, que servirão

como ponto de partida para a organização da pauta de discussões. Por outro lado, haverá espaço para a apresentação de estudos e reflexões sobre a questão dos laboratórios, sua importância profissional, sua orientação didática e sua avaliação científica no contexto dos cursos de jornalismo.

O I Encontro Nacional de Órgãos Laboratoriais de Jornalismo pretende ser um marco na luta pela melhoria da qualidade do ensino de jornalismo em todo o país.

EDITORA ABRIL INICIA COOPERAÇÃO COM CURSOS DE JORNALISMO

A direção da Editora Abril está interessada em manter um programa regular de cooperação com os cursos de jornalismo de São Paulo. A iniciativa começou a tomar forma em março, quando Robert Civita, diretor da editora, convidou os dirigentes de alguns cursos de jornalismo para um almoço, ocasião em que apresentou suas idéias e propósito da cooperação empresa-universidade. A Abril enfrenta, neste momento, problemas relacionados com a criatividade e a inventividade dos seus profissionais, necessitando portanto de incorporar novos talentos aos seus quadros jornalísticos. Surgiu daí a intenção de buscar esses novos talentos nos cursos de jornalismo. A idéia naturalmente mereceu a acolhida dos dirigentes universitários consultados e passou a ser discutida em seus portões. Em princípio, o programa será implantado em janeiro/fevereiro, compreendendo duas fases: um seminário intensivo, destinado a 60 alunos recém-formados pelos cursos de jornalismo, findo o qual haveria a seleção de 12 ou 15 para participar de um treinamento em tempo integral nas revistas mantidas pela editora. A seleção dos candidatos caberia aos próprios cursos, que participariam também dos processos de avaliação, em todas as fases. As escolas convidadas a participar do programa são as seguintes: ECA-USP, PUC-SP, IMS, FIAM e Cásper Líbero.

GOVERNO MONTORO PRESTIGIA ESCOLAS DE COMUNICAÇÃO

Uma das medidas já concretizadas pelo Governo Montoro, em São Paulo, foi a de prestigiar as escolas de comunicação de todo o Estado, convidando-as a participar da definição das políticas de comunicação e serem adotadas pela nova administração. Essa participação está ocorrendo através do Conselho Universitário de Comunicação, integrado por representantes docentes e discentes de todas as escolas paulistas que mantêm programas universitários na área de comunicação social. O Conselho já fez duas reuniões preliminares no Palácio dos Bandeirantes e tomou algumas decisões sobre oportunidades de estágios para os estudantes de comunicação nas empresas estatais de São Paulo e nos órgãos da administração direta. Por outro lado, uma das exigências constante do edital de licitação de campanhas publicitárias patrocinadas pelo Estado de São Paulo é a de que as empresas concorrentes mantenham programas regulares de estágio para estudantes de publicidade e propaganda. As perspectivas apresentadas pelo novo governo paulista são favoráveis às escolas de comunicação. Cabe a essas instituições ocupar o espaço e influir para a efetiva democratização das políticas de comunicação, pelo menos no nível estadual.

ORÇAMENTO DO MEC PARA 84

Já está definido o teto orçamentário para o Ministério da Educação e Cultura no ano de 1984: 191,4 bilhões de cruzeiros, sem contar os ainda indefinidos recursos provenientes

do Finsocial e as operações de crédito. Somados os 142 bilhões provenientes do salário-educação e os 540 bilhões para pagamento de pessoal, o orçamento inicial do MEC passa dos 873 bilhões de cruzeiros.

MEC VOLTA ATRÁS NA QUESTÃO DA TV-E

Acabou-se a crise que envolveu o MEC e as tvs educativas. O Ministério voltou atrás e modificou a Portaria nº 162, de 20 de agosto de 1982, que lhe conferia um poder considerado excessivo na definição da programação e atividades das televisões educativas de todo o País. Pelo novo texto da portaria, o MEC vai se limitar a fixar critérios e normas gerais que regulem o caráter educativo-cultural dos programas de radiodifusão educativa.

ENECOM: DE CAMPINAS A FORTALEZA

O 7º Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação foi realizado em Campinas (SP), entre os dias 13 e 19 de julho, reunindo mais de 200 participantes das várias regiões do país. O tema da reunião incluiu diretrizes da política cultural brasileira, a legislação de radiodifusão e o problema da sindicalização dos profissionais da comunicação. Discutiu-se também aspectos relacionados com a conjuntura do ensino de comunicação e a aprovação do novo currículo mínimo pelo MEC. Entre as posições aprovadas está a de defesa do currículo mínimo elaborado por uma comissão do CFE, de que participaram os estudantes e as federações de profissionais. Outra decisão foi a de realizar o próximo ENECOM, em Fortaleza, em julho de 1984.

Jornais

CRISE DO ESTADO E JB

Como em muitos outros setores, também na indústria jornalística os efeitos da crise econômica são sentidos de forma aguda. Dois dos maiores jornais do Brasil, *O Estado de S. Paulo* e *o Jornal do Brasil* demonstraram sentir tais efeitos em junho, quando autorizaram a emissão de debêntures subordinadas conversíveis em ações preferenciais para as empresas de cada um dos dois grupos que cuidam de suas gráficas. Em outras palavras, os parques gráficos dos dois jornais tiveram seu capital social aberto. A medida provocou notícias sensacionalistas dos dois maiores concorrentes destes jornais, *a Folha de S. Paulo* e *O Globo*, respondidas com ênfase pelos interessados. Do episódio tudo a se lamentar: a crise, os efeitos da crise sobre os jornais, a ocultação da negociação que *JB* e *ESP* tentaram e o aproveitamento barato que dela fizeram *FSP* e *OG*.

ÚLTIMA HORA NA CAMPANHA DE ANDREAZZA

Última Hora, maior criação do gênio jornalístico de Samuel Wainer deve ter feito o velho jornalista remexer-se todo na tumba. Mudou de dono mais uma vez e agora passa a ser porta-voz oficioso da campanha de Mário Andreazza em direção ao Palácio do Planalto. Léo Simões é o novo proprietário do título, desde junho. Trata-se de um deputado do PDS fluminense, que o arrendou do empresário Ary Carvalho. A transação também envolveu a *Última Hora* de Brasília. Embora não desfrute mais de prestígio junto ao público, o jornal espera influir na luta pela sucessão de Figueiredo.

CURITIBA GANHA NOVOS TÍTULOS

Em época de recessão e desemprego, qualquer abertura de negócios é bem vinda. Em especial na área jornalística, pois além de dinheiro, mais idéias também serão colocadas no mercado. Por isso, saúda-se o surgimento de dois novos semanários e um diário. O diário é o *Jornal do Estado*, de propriedade do jornalista Roberto Barroso Filho. Um dos semanários é a *Folha Metropolitana*, do publicitário Rosnel Bond. E o outro ainda não foi lançado, mas será dirigido principalmente aos bairros e vai ser dirigido por Danilo Cortês, professor da UFP.

Revistas

A TRÁGEDIA DO BOIMATE

Em seus 15 anos de vida, provavelmente *Veja* teve raros momentos de tão grande constrangimento. Seu arqui-inimigo, *O Estado de S. Paulo* descobriu que na edição de 27 de abril deste ano (nº 764), a revista "comeu imensa barriga". Publicou como verdadeira uma absurda história do cruzamento genético entre o boi e o tomate que havia sido originalmente editada na revista inglesa *New Scientist* como uma brincadeira de 1º de Abril. *O Estado* ridicularizou *Veja* em matéria do dia 26 de junho. E a revista teve que humildemente reconhecer o vexame em sua edição de 6 de julho, mais de dois meses depois da gaffe, portanto.

A VOLTA DE MIRO

Isto É, disposta a lutar por mais espaço na briga do mercado das revistas semanais de informação, depois de trazer de volta ao jornalismo o talento de Fernando Gabeira, reconduziu à imprensa o ex-deputado Miro Teixeira, candidato derrotado nas eleições para o governo do Rio de Janeiro em novembro passado. Sua volta foi em grande estilo: entrevistou o adversário que o bateu nas urnas, o governador Leonel Brizola. E a entrevista, escrita de maneira elegante, demonstrou que Miro não perdeu o jeito. Publicada na edição de 15 de junho, representou mais um gol de *Isto É* em sua disputa com *Veja*, *Visão* e *Senhor*. Por outro lado, contudo, a revista perdeu o talento de seu diretor de retação Tão Gomes Pinto, que demitiu-se após dois anos nesta função e mais de seis na casa. Tão foi contratado pela *Folha de S. Paulo*, onde agora é repórter e analista político, e pela revista *Status*, onde estreou na edição de julho com um artigo no qual analisa sua experiência de quinze anos nas revistas semanais de informação.

BRIEFING VOLTOU

A excelente revista *Briefing*, especializada em publicidade, está de volta. Fechada em 1981, após três anos de existência, é agora relançada por Rafael Sampaio, que na primeira fase trabalhou como analista da publicação. Ele associou-se a outros quatro empresários e comprou o título da Editora Logus, juntamente com o título *Display*, que também será lançado novamente.

Discos

BOA ANÁLISE DE UM MERCADO EM CRISE

A revista *Status* — cada vez mais uma publicação de grandes reportagens e artigos e cada vez menos de mulher pelada — publicou uma excelente análise da atual (e crítica) situação da indústria fonográfica em sua edição de junho. A matéria, assinada por Ronaldo Hein, mostra que a briga por uma fatia neste bolo de 50 milhões de cópias de discos e 6 milhões de fitas anuais pode ter muito talento, mas também muito jogo sujo. Para as gravadoras, qualquer recurso vale para a promoção de seu produto e para passar a concorrência para trás.

Rádio

CAI DE NOVO A MÁSCARA DO DENTEL

O DENTEL — Departamento Nacional de Telecomunicações — gosta de posar de órgão técnico. Mas, volta e meia, deixa cair a máscara. A mais recente demonstração de que é um órgão da censura política foi também a mais escandalosa. Em plena greve dos petroleiros e metalúrgicos de São Paulo, no dia 7 de julho, bem no meio de um comentário de Joelmir Betting, o Dentel tirou a Rádio Bandeirantes AM do ar em São Paulo, alegando excessiva modulação. A violência da medida e a fragilidade do álibi não passaram despercebidos a ninguém. Muito menos à direção da Bandeirantes que, em protesto, descaracterizou seus telejornais da mesma noite. A medida merecer a repulsa unânime da sociedade civil.

MONTORO USA O RÁDIO POPULISTA

Indo mal nas pesquisas de opinião, o novo governador de São Paulo, Franco Montoro, parece ter encontrado nos locutores populistas do rádio paulista seus aliados prediletos na tentativa de recuperar seu prestígio junto ao eleitorado. Sua presença em programas como o de Zé Bétio são cada vez mais constantes e demoradas. Por vezes, Montoro chega a gastar uma hora de seu precioso tempo respondendo a perguntas como em que idade ele deixou de usar xupeta. O jornalista Leão Serva, que por sinal tem feito um excelente trabalho na *Folha de S. Paulo* tratou do assunto naquele jornal na edição de 8 de julho.

Televisão

A DECEPÇÃO DA MANCHETE

A campanha publicitária centrou-se no modernismo ("a televisão do ano 2000"). Mas o que os telespectadores da Rede Manchete têm visto desde sua estréia a 5 de junho, a desmente por inteiro. A programação da Manchete é velha, bolorenta, chata e nem os tão propalados recursos técnicos revolucionários parecem existir. A primeira semana até que prometeu pelo menos a repise de filmes produzidos para o cinema de boa quali-

dade, Mas foi só a primeira semana. Depois de *Contatos Imediatos de Terceiro Grau* (desfigurado pela quantidade extravagante de anúncios que renderam à empresa 900 milhões de cruzeiros em uma só noite) na estréia, de *Júlia* e alguns outros bons filmes, o nível caiu ao mínimo. De resto, um telojornalismo longo mas cansativo e censurado pelos donos, 27 personagens desconhecidos de desenhos animados mas com os mesmos vícios de seus antecedentes e séries norte-americanas vulgares (apesar da qualidade razoável de *Fama*). Resultado: a Manchete não conseguiu fazer com que o índice dos televisores ligados aumentasse. Continuam sendo de 35 a 40% os aparelhos desligados. E os frágeis 6% de audiência que a Manchete está conseguindo em média, são formados de pequenas fatias roubadas à Bandeirantes, Record, TV S e Globo. Suas únicas façanhas foram assumir um tímido quarto lugar na classificação da audiência (suplantando a Bandeirantes) e obter um acordo com a TV Nacional de Brasília (emissora estatal que antes trabalhava como a Bandeirantes) que viabiliza como rede nacional.

CHAPELIN FAZ SUCESSO

E Sérgio Chapelin conseguiu: livrou-se do estigma do *Jornal Nacional* e firma-se como um apresentador de shows bem sucedido. É o dono da liderança de audiência no horário da segunda-feira às 21 horas, suplantando Jô Soares, Casal 20 e J. Silvestre. Aliás, o SBT de Sílvio Santos em São Paulo já domina o horário nobre de cinco das sete noites da semana com nomes desconhecidos como Antonio Augusto Liberato, que comanda o *Viva a Noite* aos sábados, ou consagrados, como Moacyr Franco que substituiu J. Silvestre nas noites de terça-feira. O escândalo da prisão de Roberto Langruber não abalou o prestígio da TV-S junto ao público que parece disposto a, pelo menos em São Paulo, garantir-lhe novos êxitos.

ABRIL NO AR

Entrou no ar em agosto a programação da Editora Abril para a Grande São Paulo, veiculada pela TV Gazeta, São duas horas diárias de jornalismo e entretenimento comandadas por profissionais competentes: Luiz Fernando Mercadante e Fernando Fato. A Abril foi buscar na Globo Homero Icaza Sanchez para cuidar da pesquisa, o que pode representar um forte trunfo na luta pela audiência.

Cinema

CADA VEZ MENOS GENTE

O cinema continua com números desanimadores. De acordo com a Embrafilme, em 1982 a taxa de ocupação das salas caiu para 14% (foi de 15% em 1981 e 16% em 1980), as salas ficaram reduzidas a 1998 em 31 de dezembro (eram 2244 em 1981 e 2365 em 1980) e o número de ingressos vendidos caiu para 127 milhões (havia sido 138 em 1981 e 164 em 1980). Apesar disso, como consolo fica a constatação de que se pouca gente vai ao cinema, pelo menos está assistindo mais os filmes brasileiros que os estrangeiros. Renato Aragão com seu lançamento de julho, *O Cangaceiro Trapalhão*, bateu todos os seus records anteriores, faturando 45 milhões de cruzeiros por dia, ou seja, 92 mil ingressos vendidos diariamente. Com isso, reanimou-se em seus objetivos de construir um grande estúdio no Rio de Janeiro.

O SUCESSO DAS MEIAS

Os combatidos números do cinema nacional receberam uma injeção de ânimo, segundo a Embrafilme, com a Instituição do sistema de meia entrada para todos em determinados horários. Nas primeiras cinco semanas de vigência da medida, houve um aumento de público da ordem de 31,5% nas sete maiores cidades do País e a arrecadação aumentou 28,4%. Em Brasília e Porto Alegre, contudo, registrou-se decréscimo de 10% no público e na arrecadação.

JUSTIÇA DESMORALIZA CENSURA

A Censura Federal está definitivamente desmoralizada: depois de *Calígula*, agora é *Garganta Profunda*, que hoje já pode ser considerado um filme ingênuo e pudico quase dez anos depois de sua realização, que consegue ser visto pelos brasileiros graças a um mandato judicial e sem certificado de censura. A medida ocorreu em fins de abril e até julho, o filme continuava em cartaz, com grande êxito e sem incômodos. Algumas semanas depois, *Calígula* voltou às telas também sem certificado de censura. Como se podia prever, nenhum dos dois filmes provocou vonculões sociais no Brasil. Já o desemprego e os pactos econômicos...

Censura

REJEITADO PROCESSO CONTRA REPÓRTER

Por novo votos contra cinco, o Supremo Tribunal Militar rejeitou a denúncia apresentada contra o repórter da *Folha de S. Paulo* José Carlos de Assis pelo procurador militar João Leitão, que prendia enquadrá-lo na Lei de Segurança Nacional por suas reportagens denunciando os escândalos da CAPEMI. A decisão, tomada a 14 de junho, foi saudada com entusiasmos por todos os democratas brasileiros.

Profissões

ROBERTO CARLOS PROCESSA JORNALISTAS

O cantor Roberto Carlos está processando os jornalistas Ruy Castro e Fernando Pessoa Ferreyra, da revista *Status*. Eles publicaram na edição de março a matéria "O Roberto Carlos que Ninguém Conhece" que, na opinião do artista, injuriou-o. A matéria revelava fatos (verídicos ou não), como uma longa relação de mulheres que teriam mantido relações íntimas com Roberto, as características de seu órgão reprodutor, suas preferências sexuais, entre outros.

ESTADÃO CONDENADO

O jornal *O Estado de S. Paulo* foi condenado pela Justiça do Trabalho a atualizar de 1979 para cá os salários de todos os seus jornalistas que trabalham com prorrogação de jornada (sete ao invés de cinco horas diárias). Calcula-se que a despesa será em torno de dois bilhões de cruzeiros.

Internacional

ORIANA ARMA CONFUSÃO

Não se negue a Oriana Fallaci pelo menos um mérito: ela sabe promover-se como ninguém. Quando lançou a edição brasileira de seu livro *Um Homem*, armou um escândalo porque a tradução não lhe teria agradado. Agora, quando lança a edição argentina, provocou enorme celeuma ao declarar, numa coletiva, que todo jornalista argentino que sobreviveu ao regime militar é covarde. Clóvis Rossi, correspondente da *Folha de S. Paulo* em Buenos Aires publicou a 15 de julho naquele jornal lúcido comentário a respeito do incidente.

EL PAÍS EM EDIÇÃO MUNDIAL

O jornal espanhol *El País* lançou no dia 30 de maio sua edição mundial, que circulará em 150 países, semanalmente, às segundas-feiras, com um resumo das matérias mais importantes publicadas na semana anterior.

LE MONDE ENFRENTA PROBLEMAS

Um deficit de 2 milhões de dólares em 1982, austeridade nos gastos, queda nas vendas (40 mil cópias a menos em 1982): nunca *Le Monde* viveu crise pior. A situação do jornal francês, considerado um dos melhores e mais influentes de todo o mundo, está analisada por Any Bourier, correspondente de *O Globo* em Paris, em despacho de excelente qualidade publicado por aquele jornal em sua edição de 18 de julho.

REAGAN APÓIA SENHORAS DE SANTANA

As senhoras de Santana e os padres de Assis ganharam um novo e importante aliado: o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan. Apesar de ter-se beneficiado dela com a constante veiculação dos péssimos faroestes em que o canastrão Regan atuava como herói, a televisão virou agora alvo das críticas de pretense estadista. Sua mira como media-critic, contudo, é bem pior que a dos bandoleiros que interpretava. Assustado com a baixa qualidade de ensino em seu país, Reagan não hesitou em culpar a televisão e a liberdade sexual como suas causas mais profundas, em discurso pronunciado em 5 de julho. Talvez se olhasse com mais atenção as quedas das verbas particulares e oficiais destinadas à pesquisa e à educação, se atentasse para a superlotação dos cursos de pós-graduação provocada pelo desemprego que obriga o estudante a manter-se na Universidade além do que desejaria, Reagan percebesse melhor as causas de problema que pretendeu analisar. Mas em todo o caso, a televisão é sempre um bode expiatório conveniente a quem não consegue enxergar sua própria incompetência.

CBS PROCESSADA POR MÉDICO

Dan Rather, o apresentador do *CBS Evening News*, está sendo processado por um médico que o acusa de tê-lo injuriado ao afirmar em 1979 que teria assinado um atestado falso para obter pagamento de seguros por meios fraudulentos. O médico, Carl Galloway, quer uma indenização de 12 milhões de dólares da CBS.

MONTONEROS NA TV

No dia 16 de maio, os telespectadores argentinos assistiram uma programação inesperada: no canal 13 de Buenos Aires, o líder dos montoneros Mário Firmenich apareceu lendo um documento com duros ataques ao regime militar, graças a uma interferência que sua organização conseguiu operar naquela emissora. A interferência durou 15 minutos e foi ouvida por milhares de telespectadores.

MÉXICO: AMIC TEM NOVA DIRETORIA

A Associação Mexicana de Investigadores da Comunicação (AMIC) tem nova diretoria, desde fevereiro deste ano. A composição é a seguinte: Alberto Rosas Zamorano (presidente), Raul Fuentes Navarro (vice-presidente), Xavier Ignacio Avila Guzman (Secretário), Fátima Fernández Christlieb (Comitê Acadêmico), Javier Esteinou Madrid (Comitê de Documentação), Leobardo Cornejo Murga (Comitê de Imprensa e Difusão), Susana Jalife Daher (Comitê de Finanças), Raul Trejo Delarbre (Relação com as organizações sociais), Pablo Casares (Relação com centros de pesquisa e fundações). A correspondência para a AMIC pode ser enviada para o Apartado Postal 70-480, CP 04510, México, DF, e os contactos pessoais ou telefônicos podem ser dirigidos para: Calle Cádiz Sur 32-7, Col. Insurgentes Micoaca, CP 03920, Mexico, DF. Telefone: 5-63-55-34.

34ª REUNIÃO DA ICA

Já está acertada a data da 34ª reunião anual da International Communication Association (ICA). Será de 24 a 28 de maio de 1984, em San Francisco, Califórnia. O tema é 1984 e as pessoas que quiserem apresentar trabalhos têm até o dia 1º de Novembro para fazê-lo. As pessoas que sedejarem maiores informações devem escrever para a ICA (PO Box 9589), Austin, TX 78766, USA.

FESTIVAL LATINOAMERICANO DE TELEDUCAÇÃO

Realiza-se em Lima, Peru, de 9 a 15 de outubro, o Segundo Festival Latinoamericano de Teleducação Universitária, sob o patrocínio da Fundação Konrad Adenauer e da UNESCO, tendo como entidades organizadoras a ALATU — Associação Latinoamericana de Teleducação Universitária e o CETUC — Centro de Teleducação da Pontifícia Universidade Católica do Peru. O festival está aberto aos grupos que produzem programas educativos nas universidades, que concorrerão a diversos prêmios. Informações sobre o evento: Fundação Konrad Adenauer — Apartado 4951 — Miraflores — Lima — Peru, Telefone: 410440.

ENLACE: NOVO BOLETIM DA UNDA-AL

A Associação Católica Latinoamericana para o Rádio e a Televisão (UNDA-AL) está editando um novo boletim informativo, chamado ENLACE. Trata-se de uma excelente fonte de informação para os que atuam no setor de radiodifusão, especialmente daqueles que se interessam pela popularização e democratização do rádio e da TV. O editor

do boletim é o comunicador argentino Alfredo Paiva, atualmente vinculada à UNDA-AL, e que já havia realizado trabalho semelhante, de grande repercussão social, durante o período em que trabalhou no CELADEC, no Peru. Para os que se interessarem em obter exemplares de ENLACE, a correspondência deve ser dirigida para: UNDA-AL / ENLACE — Cassilla del Correo 11194 — Agencia 17 — Centro Comercial Naciones Unidas — Quito, Equador.

UPEC ENFRENTA O DESAFIO À DESINFORMAÇÃO

O Centro de Estudos dos Meios de Difusão Massiva (CEMEDIM), da União dos Jornalistas de Cuba (UPEC), está editando um boletim bimestral, em três idiomas (espanhol francês e inglês), contendo artigos de especialistas e pesquisadores cubanos sobre a problemática dos meios de difusão de massa e informações sobre as atividades dos jornalistas no mundo. No editorial do número um, noticiado pelo Boletim Informativo da FELAP, está revelado que a nova publicação pretende enfrentar o "desafio à desinformação". Os interessados em tomar contacto com a nova publicação devem escrever para: UPEC — Calle 23, Esquina 1 — Vedado — La Habana, Cuba.

Tecnologia

CABO NA INGLATERRA E NA FRANÇA

O Brasil ainda está longe, ao que tudo indica e apesar das pressões, de iniciar seu sistema de tv por cabo. Mas na Inglaterra e na França, onde as coisas em vias de acontecer, o debate tem sido aceso. Para nós, se quisermos estar prontos para tentar influir nas futuras decisões, é importante acompanhar a discussão que se trava naqueles dois países. Por isso, recomenda-se a leitura da matéria publicada a respeito pela revista *sight and sound* (winter 1982) e o artigo de Jean-François Lacan para *Le Monde* reproduzido pelo suplemento de tecnologia da *Folha de S. Paulo* de 1º de junho último.

Gente

IBRAHIM, ORGULHO DA RAÇA

Ibrahim Sued completou 30 anos de colonismo social. E *O Globo* comemorou-os como ele julga merecer. Um tablóide de 64 páginas acompanhou o jornal no dia 3 de junho, com anúncios que custavam 3 milhões de cruzeiros a página. E a Rede Globo transmitiu na mesma data a festa no Copacabana Palace que, de tão luxuosa e ostensiva, no pior momento econômico da vida do malfadado regime militar, chegou a ser comparada ao Baile da Ilha Fiscal. Ibrahim Sued é, sem dúvida, um dos orgulhos da raça que se apossou do País há quase 20 anos.

GRANDES ENTREVISTAS

Duas excelentes entrevistas com personagens polêmicas da tv brasileira: a de *Playboy* com Homero Icaza Sanches (edição de maio deste ano), na qual o ex-bruxo da Globo

revela detalhes inéditos do episódio de ocultação dos resultados eleitorais de novembro no Rio de Janeiro, e a de *Isto É* com Gilberto Braga (edição de 1/6/83), onde o autor de novelas tenta justificar a obsessão que tem por personagens ricos em suas obras.

O SUCESSO DE JOELMIR

Joelmir Beting é cada vez mais popular. Para comprová-lo, bastam as três páginas que *Veja* lhe dedicou em sua edição de 6 de julho, louvando-lhe a clareza de estilo e consagrando-o como o colunista mais lido, ouvido e visto do País. Um justo reconhecimento para o trabalho sério de um jornalista que demonstra como esta profissão é importante para fazer o público leigo compreender melhor o mundo, desde que seja exercida de forma honesta e competente.

Comunicación y cultura 9

LA COMUNICACIÓN MASIVA EN EL PROCESO POLÍTICO LATINOAMERICANO

*25 años de satélites
artificiales*

Como escuchar la radio

*El cambio tecnológico en
las comunicaciones*

*La investigación de la
comunicación en América
Latina*

DE VENTA EN LAS PRINCIPALES LIBRERIAS
INFORMES Y SUSCRIPCIONES EN LA UAM-XOCHIMILCO
CALZADA DEL HUESO 1100,
EDIFICIO CENTRAL, PRIMER PISO
TELEFONO 594-78-33 EXT. 169

comunicación y cultura aparece bajo el auspicio de la división
de ciencias sociales y humanidades de la universidad autónoma
metropolitana, unidad xochimilco.

NOTICIÁRIO DA INTERCOM

NOVA DIRETORIA TOMA POSSE EM SETEMBRO

A posse da nova diretoria da INTERCOM, que coordenará a Sociedade no biênio 1983/1985 (setembro a setembro), está marcada para a sessão de encerramento do VI Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, na cidade paulista de Bertioga. A solenidade está marcada para o dia 7 de setembro, às 11,30 horas.

É a seguinte a composição da diretoria eleita:

Anamaria Fadul (Presidente)
Laurindo Leal Filho (Vice-presidente)
Luiz Fernando Santoro (Tesoureiro)
Carlos Eduardo Lins da Silva (Secretário Geral)
Dilma de Melo Silva (1ª Secretária)
Lucia Araújo (2ª Secretária)
José Marques de Melo (Diretor Científico)
Maria do Socorro Nóbrega (Diretora Cultural)
Wilson da Costa Bueno (Diretor Editorial)

O novo Conselho Fiscal é integrado pelos sócios:

Regina Festa
José Manuel Moran Costas
Michel Thiollent
Jerusa Pires Ferreira
José Salvador Faro

As eleições para os cargos que compõem a diretoria e o conselho fiscal da INTERCOM ocorreram no período de 25 de janeiro a 27 de maio. O processo eleitoral foi supervisionado por um Comitê integrado pelos sócios Onésimo de Oliveira Cardoso, Atílio Hartmann e Valdenizio Petrolli. A apuração dos resultados se fez no dia 27 de maio, às 18 horas, na ECA-USP, bloco A, Cidade Universitária, em São Paulo. A ata contendo a descrição dos votos apurados foi enviada a todos os sócios e será homologada na Assembléia Geral convocada para o dia 3 de setembro, às 15 horas, em Bertioga.

ASSEMBLÉIA GERAL

A Assembléia Geral anual dos sócios da INTERCOM será realizada no dia 3 de setembro, das 15 às 17 horas, na cidade paulista de Bertioga. O encontro está previsto para o Centro de Recreação da Colônia de Férias do SESC, onde se realizará o Ciclo de Estudos INTERCOM/83.

Da pauta da Assembléia constam a homologação dos resultados das eleições para a diretoria e o conselho fiscal da Sociedade, a aprovação do balancete financeiro do último exercício, a decisão sobre o tema do VII Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e outros assuntos.

CICLO INTERCOM/83: PROGRAMAÇÃO PRELIMINAR

Já está concluída a programação preliminar do VI Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que a INTERCOM realizará em Bertioga, no período de 3 a 7 de setembro. A programação foi elaborada pela comissão organizadora, integrada pelos sócios Luis Fernando Santoro (coordenador), Anamaria Fadul, João Clodomiro do Carmo e Sebastião Squirra.

A programação é a seguinte

3 de setembro (sábado)

8 às 12

Recepção aos participantes na Colônia de Férias do SESC

15 às 17

Assembléia geral dos sócios da INTERCOM

20 às 20,30

Sessão de abertura do Ciclo, com a presença das autoridades convidadas: CNPq, CAPES, FINEP, FAPESP, SESC, CIID, ECA-USP

20,30 às 22,30

Mesa Redonda nº 1 – NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE: DEMOCRACIA CULTURAL OU IDEOLOGIA DA

MODERNIZAÇÃO?

Hector Schmucler (ILET – Mexico)

Fernando Henrique Cardoso (PMDB – Senado Federal)

Luis Octavio de Lima Camargo (CELAZER – SESC)

Marilena Chauí (CEDEC)

Fátima Pacheco Jordão (Secretária de Comunicação – SP)

4 de setembro (domingo)

8,30 às 11,30

Mesa Redonda nº 2 – A ECONOMIA POLÍTICA DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E O MUNDO DO TRABALHO

Giuseppe Richeri (LCS – França)

Severo Gomes (PMDB – Senado Federal)

José Pastore (Ministério do Trabalho)

Walter Bsrelli (DIEESE)

Paulo Feldman (PRODAM)

15 às 18

Painel nº 1 – A EMPRESA JORNALÍSTICA DIANTE DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO

Antonio Theodoro de Magalhães Barros (UFF-IACS)

Noemio Spínola (Jornal do Brasil)

Miguel Jorge (O Estado de São Paulo)

Octavio Frias Filho (Folha de São Paulo)

Waldimas Galvão (Editora Abril)

Audálio Dantas (FENAJ)

José Hamilton Ribeiro (Sindicato dos Jornalistas)

José Antonio D'Arrochela Lobo (ABEPEC)

Painel nº 2 – AS EMPRESAS MULTINACIONAIS DE COMUNICAÇÃO E OS DESAFIOS DA INDÚSTRIA NACIONAL

Joubert de Oliveira Brízida (SEI)

Shozo Motoyama (FFLCH-USP)

Edson Fregni (ABICOMP)

René Lapyda (IME-USP)

José Drummond Saraiva (UFSC)

Painel nº 3 – CIÊNCIA, TEMPO LIVRE E NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO

Paulo de Salles Oliveira (CELAZER-SECS)

C. A. de Medina (CERIS-CNBB)

Rubem Alves (UNICAMP)

Michel Thiollent (UFRJ-COPPE)

José Arthur Gianotti (CEBRAP)

Milton Vargas (Poli-USP)

5 de setembro (segunda-feira)

8,30 às 11,30

Mesa Redonda nº 3 – NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E A QUESTÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

Jesus Martin Barbero (ALAIC-Colômbia)

Marlyse Meyer (UNICAMP)

João Batista Borges Pereira (FFLCH-USP)

Rubem Oliven (UFRGS)

J. Teixeira Coelho Neto (ECA-USP)

Waldenyr Caldas (FFLCH-USP)

15 às 18

Painel nº 4 – A PRODUÇÃO ARTÍSTICA E AS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO

Ana Mae Barbosa (Secretaria de Educação – SP)

Decio Pignatari (PUC-SP)

Eduardo Peñuela Cañizal (ECA-USP)

Ismail Xavier (ECA-USP)

Julio Plaza (Eca-USP)

Regina Silveira (ECA-USP)

Painel nº 5 – NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Walter Garcia (CNPq)

Maria Amélia Goldberg (ABT)

Maria Teresa Scarnatto (CEMEC-Argentina)

Luis Navarro de Brito (CFE-UFBA)
Lena Castelo Branco (INEP)
Inês Litto (Conselho Britânico)
Luis Barco (ECA-USP)

Painel nº 6 — NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E O MUNDO RURAL

Jorge Wertheim (IICA-OEA)
Ubaldo Dantas (EMBRAPA)
Raul Colvara Rosinha (EMBRAPA)
Gustavo Quesada (UFMS)
Maria Salett Tauk (UNICAMP)

6 de setembro
8,30 às 11,30

Sessões de Comunicações Livres / Comunicações Coordenadas

Participantes inscritos: Carlos Eduardo Lins da SILVA (IMS)
Martha Alves d'Azevedo (UFRGS)
Alceu Antonio da Costa (TELESP)
Ana Maria Concentino (UFRN)
Sebastião Squirra (ECA-USP)
Luis Fernando Santoro (IMS)
João Nelson Silva (Sec. de Educação-Rondônia)
José Marques de Melo (IMS)

15 às 18

Painel nº 7 — NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

William Melody (Simon Frazer University — Canadá)
Patricia Arriaga (CEESTEM-México)
José Roberto Faria Lima (SUCESU)
Fredrich M. Litto (ECA-USP)
Dermeval Coutinho Neto e Maria Helena Kuhner (TVE-RJ)
Fernando Perrone (EMPASA)

Painel nº 8 — POLÍTICAS NACIONAIS PARA AS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO

Adriano Rodrigues (Universidade Nova de Lisboa — Portugal)
Jean-Claude Quiniou (CNRS — França)
Ligia Fadul (CEESTEM — México)
Luis Peirano (DESCO — Peru)
Marika Pelinsky (McGill University — Canadá)

Painel nº 9 — NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E OS MOVIMENTOS POPULARES

Inês Garcia (CELADEC — Peru)
Werbert de Souza (IBASE)
Moema Viezzer (PUC — SP)

Regina Festa (ECA — USP)
Luis Roberto Alves (IMS)
João Clodomiro do Carmo (CEPS — ABC)

7 de setembro
8,30 às 11,30

Mesa Redonda nº 4 — AS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E A CONJUNTURA POLÍTICO-CULTURAL DA AMÉRICA LATINA

Elizabeth Fox (CIID — Argentina)
Helan Joworski (IPAL — Peru)
Emile McAnany (University of Texas — USA)
Bernardo do Carvalho (UFMG)
Wilson da Costa Bueno (ECA-USP)

12 às 12,30

Sessão de encerramento do Ciclo e posse da nova diretoria da INTERCOM.

OBs.: A relação dos nomes incluídos neste programa não é definitiva. Alguns convidados não confirmaram sua participação.

CICLO INTERCOM/83: APOIO E COOPERAÇÃO

Para a realização do VI Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a INTERCOM vem recebendo apoio financeiro e/ou institucional das seguintes entidades: CNPq — Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão do MEC, FINEP — Financiadora de Estudos e Projetos, SESC — Serviço Social do Comércio, CIID — Centro Internacional de Investigações para o Desenvolvimento, ECA-USP — Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

A INTERCOM aguarda ainda decisão da FAPESP — Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e da EMBRAPA — Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, às quais foram encaminhados pedidos de colaboração.

CICLO INTERCOM/83: PARTICIPAÇÃO INTERNACIONAL

A presença de pesquisadores de outros países ao VI Ciclo de Estudos da INTERCOM está sendo dificultada pela escassez de recursos financeiros das instituições que apoiam o evento e das instituições de pesquisa a que se vinculam os pesquisadores convidados.

Já confirmaram sua participação os seguintes cientistas: Hector Schmucler (ILET — México), Jesus Martins Barbero (ALAIC — Colombia), Adriano Rodrigues (Universidade Nova de Lisboa — Portugal), Elizabeth Fox (CIID — Argentina), Giuseppe Richeri (LCS — França). Inúmeros outros participantes convidados dependem de financiamento para confirmar a presença. A Comissão Organizadora do Ciclo está fazendo gestões para obter a participação de todos os cientistas incluídos no programa.

CICLO INTERCOM/83: PARTICIPAÇÃO DO ESTADO E DA SOCIEDADE CIVIL

O tema central do Ciclo INTERCOM/83 — Novas Tecnologias da Comunicação: Implicações Políticas, Impacto Socio-Econômico — encerra questões da maior significação para a sociedade brasileira, em vista da crescente informatização da vida cotidiana e eletrônica dos circuitos culturais. Por isso, a Comissão Organizadora do evento, está desenvolvendo esforços para obter a contribuição de todos os setores envolvidos e atingidos pela expansão das novas tecnologias.

Entre os convidados estão o Secretário de Informática do Governo Federal, Joubert Brizida, o Assessor principal do Ministério do Trabalho, José Pastore, representantes do parlamento nacional, Severo Gomes e Fernando Henrique Cardoso, representantes da iniciativa privada, Edson Fregni (ABICOMP), Octavio Frias Filho (Folha de São Paulo), representantes dos sindicatos de trabalhadores (DIEESE, FENAZ, SJPEP), além de militantes dos movimentos populares e das instituições universitárias e de pesquisa.

A QUESTÃO DO OBSCENO

A INTERCOM promove, através do Grupo de Estudos de Cultura Popular, um seminário, no período de 22 a 27 de agosto, com o apoio do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. O evento tem o seguinte título: PRIMEIRAS JORNADAS IMPERTINENTES — A QUESTÃO DO OBSCENO.

As sessões serão realizadas na ECA-USP, no Anfiteatro do CJE, Bloco A, no período noturno. Haverá também uma Mostra de Iconografia Popular.

A coordenação do seminário vem sendo feita pela professora Jerusa Pires Ferreira. É o seguinte o programa divulgado:

O OBSCENO ATRAVÉS DA HISTÓRIA — Dia: 22/08 — das 19:30 às 22:30 hs.

Coordenador: Prof. Nicolau Svecenko

A inquisição e as Confissões obscenas — Luis Roberto Alves e Ilana Novinski
Prostituição em São Paulo no começo do século — Maria Inês Machado Pinto
Demonismo, malefício e malícia — Carlos Roberto F. Nogueira
Amor, Desejo e Punição na tradição popular — Nicolau Svecenko

A LITERATURA — Dia: 23/08 — das 19:30 às 22:30 hs.

Coordenador: Prof. Waldenyr Caldas

As cantigas de Escarnio: Iara Frateschi Vieira
A literatura de Adelaide Carraro: Waldenyr Caldas
Literatura e Obscenidade: Gilberto Mansur e depoimentos de dois autores:
Pedro Maia e Rubem Fonseca

OBSCENO — UMA VISÃO SÓCIO-ANTROPOLÓGICA — Dia 24/08

— das 19:30 às 22:30 hs.

Coordenadora: Liana Salvia Trindade

Regiliosidade e repressão — Umbanda — Liana Salvia Trindade
A tradição protestante — Onésimo de Oliveira Cardoso

Os rituais — Sexualidade e Obscenidade — Jeanne Marie
O obsceno nos rituais africanos — Kabengeli
A questão do Índio — Darci Ribeiro

CULTURA POPULAR — Dia 25/08 — das 19:30 às 22:30 hs.

Coordenadora: Profa. Jerusa Pires Ferreira
O significado do palavrão — Mario Souto Maior
Nos entrelinhas do folgado — Roberto Benjamin
As "Buias" de Bocage — Jackson de Lima
Pastoral de Estudantes — José Maria Tenório
O anedotário brasileiro — Renato Pacheco
O obsceno popular: o cômico — Pedro Braga
De poeta a poeta — Edilene Matos
O folheto de "sacanagem" — Liedo Maranhão
Arte Popular e obsceno — Mario Razetto
Os folhetos pornográficos — Joseph Luyten

O OBSCENO E A INDÚSTRIA CULTURAL — Dia 26/08 — das 19:30 às 22:00 hs.

Coordenador: Prof. Luis Milanesi

Uma introdução ao tema — José Teixeira Coelho Neto

A produção impressa de revistas e livros — Dulcilia Buitoni, Sonia Maria Bibe Luyten, Ana Luisa Guimaro.

A produção cinematográfica — Inimá Simões, Jean Claude Bernadet, Odir Braga e Dagomir Marquesi.

PORT-COM: PROJETOS PRIORITÁRIOS

O Centro de Documentação da Comunicação nos Países de Língua Portuguesa — PORT-COM — órgão que a INTERCOM vem mantendo em colaboração com a Biblioteca da ECA-USP, passará a ter uma estrutura mais ordenada a partir de agosto. A biblioteca Maria Christina de Souza e Silva, professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP, aceitou o convite feito pelo atual presidente da INTERCOM, Prof. José Marques de Melo, para assumir a coordenação do Centro. O PORT-COM passa portanto a ser dirigido por uma competente profissional da área, que aliás já vinha colaborando com o órgão, fazendo a supervisão bibliográfica dos levantamentos documentais publicados.

Para possibilitar a melhor estruturação dos serviços que produz e põe à disposição da comunidade acadêmica, o PORT-COM contará com o apoio financeiro do IBICT, Ione Sepulveda Chastinet, comunicou à INTERCOM que o trabalho do PORT-COM passará a integrar o sistema nacional de informação sobre ciência e tecnologia, colocando à disposição recursos iniciais para a manutenção de uma equipe de estagiários de biblioteconomia e documentação. Essa equipe se encarregará do registro bibliográfico corrente, recuperando a produção documental brasileiro sobre comunicação social.

Por sua vez, a direção da ECA-USP já assegurou a liberação de recursos para a contratação de monitores de jornalismo e biblioteconomia, que se integrarão ao trabalho de manter em dia o registro dos documentos publicados no país e que tratam de temas de comunicação.

Outro projeto prioritário do PORT-COM é a indexação dos periódicos brasileiros de comunicação, facilitando assim o acesso dos pesquisadores aos trabalhos publicados

em revistas e publicações seriadas desta área científica. Para tanto, a Superintendência de Desenvolvimento Científico do CNPq já aprovou a liberação de recursos iniciais que viabilizarão o projeto.

Mantendo o registro da produção corrente e construindo uma memória dos trabalhos publicados nos periódicos, deverá em seguida o PORT-COM se dedicar ao levantamento de toda a produção anterior existente no país, incluindo obras publicadas e documentos inéditos. Para trabalho dessa natureza será indispensável a mobilização de toda a comunidade científica para a localização dos documentos não disponíveis nas bibliotecas e arquivos institucionais. Serão necessários também recursos específicos para a recuperação física dos documentos. Para tanto, a INTERCOM encaminhou, com recomendação técnica do IBICT, um projeto à SEPLAN, esperando a sua aprovação até o próximo ano.

O acervo do PORT-COM está plenamente integrado à Biblioteca da ECA-USP, onde os usuários interessados poderão ter acesso aos documentos inventariados. A Biblioteca passou, nos últimos meses, por uma fase de ampliação das suas instalações, mas a partir de agosto voltará a atender normalmente o público usuário.

PORT-COM: SERVIÇO BIBLIOGRÁFICO RECONHECIDO NOS USA

O trabalho de registro bibliográfico da produção científica sobre comunicação, que a INTERCOM vem realizando ininterruptamente desde 1978, e a partir de 1982 institucionalizado através do PORT-COM — Centro de Documentação da Comunicação nos Países de Língua Portuguesa — vem de merecer expressiva alusão na revista *Studies in Latin American Popular Culture*.

Em sua segunda edição, referente ao ano de 1983, aquele periódico, editado conjuntamente pelas University of Minnesota e New Mexico State University, publica um *review essay* de Joseph D. Straubhaar sob o título: "The Brazilian Society for Interdisciplinary Study of Communication and its Bibliography of Communication" (pags. 263/267).

Em seu comentário, o Dr. Straubhaar traça um perfil da INTERCOM e destaca o seu esforço no sentido de manter o registro dos documentos publicados em língua portuguesa sobre comunicação, oferecendo fontes de consulta indispensáveis aos pesquisadores norte-americanos.

Sobre o trabalho bibliográfico da INTERCOM sua avaliação é a seguinte: "É difícil para os Norte-Americanos manter-se em dia com a pesquisa sobre comunicação ou cultura popular publicada na América Latina, em espanhol ou português. Uma contribuição preciosa poderia ser uma bibliografia anotada, por pesquisadores latino-americanos que tem contacto com aqueles que estão fazendo um trabalho sério de pesquisa em seus campos de estudo. Felizmente para aqueles interessados no Brasil, a INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) criou dois serviços bibliográficos dessa natureza, que cobrem uma ampla variedade de livros, artigos e monografias sobre tópicos de pesquisa a respeito de cultura popular e comunicação." (pág. 262)

Sobre a INTERCOM, enquanto sociedade é uma dinâmica e produtiva associação formulada é a que segue: "A INTERCOM é uma dinâmica e produtiva associação acadêmica segundo padrões internacionais. Além de sua bibliografia anual e do seu boletim bimestral, contendo uma bibliografia corrente, promove conferências profissionais anuais e seminários temáticos especiais, publicando frequentemente os resultados desses eventos. Como outros grupos acadêmicos, os comunicólogos no Brasil tem atuado

tradicionalmente de forma isolada, dentro de regiões, cidades e até mesmo dentro das próprias universidades. Eles também se dividem frequentemente segundo preferências metodológicas, tendências ideológicas ou vinculações com tradições estrangeiras específicas (semiologia francesa X sociologia quantitativa norte-americana, por exemplo). A INTERCOM começou com um núcleo regional em São Paulo mas já se tornou uma instituição nacional. Até mesmo a rivalidade entre instituições de São Paulo e do Rio de Janeiro, tradicional em muitas associações acadêmicas e profissionais, parece ter sido razoavelmente superada pela INTERCOM. A INTERCOM iniciou recentemente um trabalho sistemático de intercâmbio com outros grupos latino-americanos e criou um Centro de Documentação da Comunicação nos Países de Língua Portuguesa" (pág. 263).

CONTATOS COM SECRETARIAS DA COMUNICAÇÃO E CULTURA DE SÃO PAULO

A diretoria da INTERCOM manteve contatos com os novos dirigentes das áreas de Comunicação e Cultura do Governo Montoro, em São Paulo, visando criar espaços de mútua colaboração. O atual presidente, José Marques de Melo, foi recebido pelo Secretário da Cultura, Deputado João Pacheco Chaves, e posteriormente ocorreu um encontro, do qual participou também a presidente eleita, Anamaria Fadul, com o diretor do Departamento de Artes e Ciências Humanas daquela Secretaria, Ricardo Maranhão. Em ambas as ocasiões foram discutidas formas de participação da INTERCOM em programas específicos do setor cultural do novo Governo de São Paulo e analisadas as possibilidades de apoio estadual ao trabalho que vem sendo realizado pela INTERCOM. Outro contacto foi mantido realizado com o chefe da Divisão de Bibliotecas, Luis Milanesi, que se mostra disposto a apoiar o trabalho realizado pelo PORT-COM — Centro de Documentação da Comunicação nos Países de Língua Portuguesa.

No âmbito da Secretaria de Comunicação e Informação, o presidente José Marques de Melo expôs brevemente ao Secretário Jorge Cunha Lima as finalidades e atividades da INTERCOM. Posteriormente, houve um encontro da equipe do Departamento de Pesquisa daquela Secretaria, dirigida por Fátima Pacheco Jordão, com a presidente eleita Anamaria Fadul, buscando mecanismos de articulação entre as duas entidades.

Os contatos preliminares estão portanto iniciados, dependendo agora do encaminhamento de projetos específicos e da oportunidade de colaboração inter-institucional.

COOPERÇÃO INTERNACIONAL: CIID/CANADÁ

A cooperação do CIID — Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo — com a INTERCOM já ocorreu, no ano passado, com a dotação de recursos para o Ciclo INTERCOM/82, o que permitiu a publicação de alguns documentos produzidos para aquele evento. No início deste ano, o CIID convidou a INTERCOM para realizar o inventário da pesquisa em comunicação no Brasil, projeto que integra um levantamento latino-americano promovido pela ALAIC.

Em junho, o CIID convidou a presidente eleita, Anamaria Fadul, a viajar para o Canadá, representando a INTERCOM no encontro anual da Associação Canadense de Pesquisadores da Comunicação, ocorrida em Vancouver. Nessa oportunidade, foram discutidas as possibilidades de maior integração entre os pesquisadores brasileiros e ca-

nadenses da área da comunicação, Maiores detalhes dessas conversações serão relatadas aos sócios por Anamaria Fadul.

O prosseguimento e o aprofundamento da colaboração CIID — INTERCOM foi objeto de um encontro, em julho, em São Paulo, entre Elizabeth Fox, representante da Divisão de Ciências Sociais do CIID para a América Latina, e a diretoria da INTERCOM. Entre os itens dessa reunião estavam o patrocínio do Seminário sobre Cultura e Autoritarismo no Cone-Sul, previsto para o início de 1984, com a participação de três entidades nacionais INTERCOM (Brasil), CEDES (Argentina) e CENECA (Chile). Outro tema analisado foi a continuação do apoio do CIID ao trabalho bibliográfico que vem sendo realizado pela PORT-COM — Centro de Documentação da Comunicação nos Países da Língua Portuguesa.

COOPERAÇÃO INTERNACIONAL: FELAFACS

A INTERCOM foi convidada a participar oficialmente do 1º Simpósio Latinoamericano de Pós-Graduação em Comunicação Social, realizado em Lima (Peru), na semana de 7 a 11 de junho, sob o patrocínio da FELAFACS — Federação latinoamericana de Faculdades de Comunicação Social — contando com o apoio da UNESCO.

A representação da INTERCOM foi feita pela presidente eleita Anamaria Fadul, que aproveitou a passagem oferecida pelo CIID para sua viagem ao Canadá, na semana anterior.

Anamaria Fadul participou não apenas do Simpósio de Pós-Graduação, onde apresentou as atividades realizadas pelos sócios da INTERCOM que atuam nos programas universitários brasileiros, mas proferiu conferência no Seminário Internacional de Comunicação, realizado em Lima, naquela ocasião.

COOPERAÇÃO INTERNACIONAL: ILET/MÉXICO

A convite do ILET — Instituto Latinoamericano de Estudos Transnacionais, seção do México, a INTERCOM está realizando um estudo sobre a cobertura que a imprensa brasileira deu à reunião da última Assembléia Geral da UNESCO, especialmente à questão da nova ordem mundial da comunicação. A pesquisa vem sendo orientada pelo professor José Marques de Melo, que conta com a colaboração da pesquisadora Sílvia Moraes.

NOVAS PUBLICAÇÕES DA INTERCOM

A INTERCOM está lançando, nos próximos meses, 6 novas publicações: 1) *CADERNOS INTERCOM n.º 5*, dedicado ao tema "Carnaval Brasileiro: Comunicação de Massa ou Folkcomunicação?"; reunindo ensaios de pesquisadores do CERU e da INTERCOM; 2) *CADERNOS INTERCOM n.º 6*, dedicado ao tema "História e Comunicação: Desafios à Pesquisa", congregando trabalhos, apresentados ao último Ciclo, sobre a questão da memória da comunicação brasileira e da pesquisa histórica sobre objetos de comunicação; 3) *Temas Básicos em Comunicação*, volume coordenado por Roberto Queiroz, que pretende oferecer informações introdutórias aos que se iniciam no estudo da comunicação; esse volume será lançado pelas Edições Paulinas; 4) *Quem é Quem na Pesquisa em Comunicação, Brasil — 1982/1983*, contendo dados fundamentais que permitirão o contacto entre os pesquisadores que atuam em áreas afins; 5) *A Pesquisa em Comunicação no Brasil — Tendências e Perspectivas*, volume que reúne parte dos trabalhos apre-

sentados ao Ciclo INTERCOM/82, a ser lançado em agosto pela Cortez Editora; 6) *Teoria e Pesquisa em Comunicação — Panorama Latinoamericano*, volume que reúne a colaboração internacional ou brasileira com percepção latinoamericana, discutida no Ciclo INTERCOM/82; esse volume será lançado em outubro, também pela Cortez Editora.

Os interessados em receber essas publicações deverão escrever para: Caixa Postal 20793 — 01498 — São Paulo — SP solicitando informações. Os sócios da INTERCOM gozam de preços reduzidos.

SBPC/83: PRESENÇA DA INTERCOM

A participação da INTERCOM na última Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada em julho, em Belém, Pará, foi limitada, em vista das dificuldades financeiras que atravessa toda a população brasileira e os cientistas em particular.

A presença oficial da INTERCOM ocorreu em dois eventos. No Simpósio convocado pelo presidente da SBPC para discutir a posição da comunidade científica em face da política científica e tecnológica do Governo Federal, a INTERCOM se fez representar pela conselheira Vera Lucia Rodrigues, uma das signatárias da moção em que a SBPC, a Academia Brasileira de Ciências e outras sociedades científicas, reivindicavam mecanismos mais democráticos para a alocação de recursos e o estabelecimento de diretrizes no campo da ciência e da tecnologia.

A INTERCOM promoveu também um Simpósio, coordenado pelo sócio Wilson da Costa Bueno, sobre o tema: "Jornalismo Científico e Agricultura".

Indivualmente outros sócios da INTERCOM estiveram em Belém, apresentando trabalhos ou participando dos debates, principalmente aqueles das regiões Norte-Nordeste.

INVENTÁRIO DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NO BRASIL

Já está quase concluído o levantamento sobre as fontes brasileiras da pesquisa em comunicação, trabalho que a INTERCOM vem realizando desde o início deste ano, atendendo a convite da ALIC e contando com o patrocínio do CIID. O inventário vem sendo coordenado pelo professor José Marques de Melo e tem contado com a colaboração de dois sócios: Marco Morel (Rio de Janeiro) e Inez Pereira da Luz (São Paulo), além de outros pesquisadores convidados.

O inventário compreende basicamente as teses de pós-graduação sobre comunicação defendidas em universidades brasileiras, as pesquisas publicadas sob a forma de livros ou artigos de periódicos, além de monografias que circularam sob forma reduzida nas universidades. Visando incluir também os trabalhos que ainda permanecem inéditos, a INTERCOM solicitou a colaboração dos próprios pesquisadores e das escolas de comunicação, tendo sido significativa a receptividade ao pedido formulado.

Os resultados do levantamento serão publicados, sob a forma de livro, pelo DESCO, no Peru, integrando uma coleção de documentos sobre a pesquisa em comunicação nos seguintes países: Peru, Chile, Brasil, Argentina, Colômbia, México e Bolívia.

ENECOM/83: PRESENÇA DA INTERCOM

A convite da comissão organizado do VII Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação, realizado em Campinas (SP), no período de 13 a 17 de julho, a INTERCOM colaborou com o evento: Estiveram presentes o atual presidente José Marques de Melo e a presidente eleita, Anamaria Fadul, além de vários outros sócios: Luiz Fernando Santoro, José Benedito Pinho, Wagner de Carvalho, Sidinéia Freitas e Julio Workman que debateram com os estudantes de comunicação de todo o país questões ligadas ao ensino, à pesquisa e à profissionalização.

SEDE: MUDANÇA DA ABI PARA A ECA-USP

A sede da INTERCOM está instalada atualmente na Escola de Comunicações e Artes da USP, na Cidade Universitária, em São Paulo. A mudança deveu-se às dificuldades financeiras atravessadas pela Sociedade e à impossibilidade de continuar participando do aluguel do prédio que a ABI mantém na Rua Augusta, no centro da cidade. Na ECA-USP, a INTERCOM está instalada em salas destinadas aos membros da sua diretoria que ali trabalham como docentes, o que ocorre com dezenas de outras sociedades científicas, no âmbito da USP e de outras universidades públicas.

A correspondência para a Sociedade deve porém ser encaminhada para a Caixa Postal disponível na Agência da ECT instalada no Shopping Center Iguatemi — CP 20793, CEP: 01498 — São Paulo — SP.

DOAÇÃO DE LIVROS ÀS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

A INTERCOM recebeu uma doação de 15 exemplares do livro *La Investigación en Comunicación Social en el Peru*, editado pelo DESCO com o apoio do CIID. Buscando colocar o livro à disposição dos sócios, a diretoria da INTERCOM decidiu doar os exemplares às Bibliotecas das Escolas de Comunicação onde se concentram os maiores grupos de nossos associados. A remessa foi feita em julho.

INTERCÂMBIO COM A OEA

O Dr. Hugo Muñoz, Chefe da Unidade de Comunicação para a Educação, do Departamento de Assuntos Educacionais da OEA, em Washington, escreveu à diretoria da INTERCOM revelando interesse pelos Cadernos INTERCOM e demais publicações da Sociedade, e propondo o envio regular das edições da OEA. O contato da INTERCOM com o Dr. Muñoz foi iniciado em fevereiro, quando o presidente José Marques de Melo o visitou em Quito, Equador, durante uma viagem profissional daquele especialista da OEA. O intercâmbio de publicações já foi iniciado.

INTERCÂMBIO COM A UNESCO/AL

A INTERCOM recebeu solicitação da Conselheria Regional de Comunicação da UNESCO para a América Latina, sediada em Quito, manifestando interesse em receber regularmente o Boletim INTERCOM, inclusive os números atrasados. Em contrapartida, indica aquele órgão que a UNESCO — Paris faria a remessa regular de suas publicações para a INTERCOM. A diretoria da INTERCOM respondeu informando que já vinha recebendo regularmente as edições da UNESCO/Paris sobre comunicação social. E naturalmente passou a enviar o Boletim INTERCOM ao escritório de Quito, em vista do interesse demonstrado e da utilidade que pode ter para aquele organismo regional.

CANDIDATO DESISTIU ANTES DA ELEIÇÃO

Roberto Queiroz, atual primeiro-secretário da INTERCOM e que havia sido indicado pela Diretoria para concorrer ao mesmo cargo nas últimas eleições, por motivos particulares teve de desistir de sua candidatura antes do pleito ser travado. Ele mesmo enarregou-se de comunicar a alguns de seus amigos sócios da entidade para que não sufragassem seu nome, já que isto implicaria na anulação do voto.

Noticiários dos sócios

CECÍLIA REGGIANI LOPES (SP) — Defendeu tese de mestrado na ECA-USP sobre "O Editor Profissional de Literatura para Criança". O trabalho contém depoimentos que pretendem contribuir para traçar o perfil do editor de livros infantis em São Paulo.

CECILIA M. KROHLIG PERUZZO (ES) — Proferiu palestra sobre Relações Públicas no Modo de Produção Capitalista, assunto de sua tese de Mestrado defendida no Instituto Metodista de Ensino Superior, durante o III Seminário de Comunicação Social promovido pela Universidade Federal de Alagoas, em Maceió.

FRANCISCO DE ASSIS FERNANDES (SP) — Assumiu o cargo de coordenador do Departamento de Relações Públicas do Instituto de Artes e Comunicação da PUC-CAMP. Foi eleito para o cargo em eleições realizadas em abril.

ROSA NÍVEA PEDROSO (SE) — Concluiu o curso de Mestrado em Comunicação na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, defendendo a dissertação intitulada *A Produção do discurso de Informação num Jornal Sensacionalista*, com a qual obteve conceito A. Agora, leciona as disciplinas Comunicação Comparada e Deontologia da Comunicação no curso de Comunicação Social das Faculdades Integradas Tiradentes, em Aracaju, Sergipe.

SARAH CHUCID DA VIA (SP) — Lançou seu mais recente livro pela Edições Loyola, intitulado *Opinião Pública — Técnicas de Formação e Problemas de Controle*.

MICHEL THIOLENT (RJ) — Proferiu palestra sobre "Função e Disfunção da Pesquisa de Opinião", durante o I Encontro Nacional organizado pela Associação Profissional dos Estatísticos do Brasil (APEB), em julho, no Rio de Janeiro.

BERTA SICHEL (RJ) — Participou da organização do seminário "A comunicação televisiva nos Estados Unidos", realizada em Barcelona, Espanha, no período de 16 a 22 de junho, sob o patrocínio do Instituto de Estudos Norte-americanos.

JANE SARQUES (GO) — Contemplada com bolsa de estudos da CAPES viaja, em agosto, para a Bélgica, onde realizará programa de doutoramento em Comunicação Social.

MARIA SALETT TAUK SANTOS (PE) — Defendeu tese de mestrado na UFRPE sobre o tema "A ideologia do comunicador de rádio rural", tendo contado com a orientação do Prof. Dr. Roberto Benjamin.

ONÉSIMO DE OLIVEIRA CARDOSO (SP) — Ministrou curso sobre "Pedagogia do Jornalismo" na ECA-USP, durante o primeiro semestre de 1983, na condição de Professor-Visitante. / Participou, em junho, em Lima do I Simpósio de Pós-Graduação em Comunicação da América Latina.

ANA MAE TAVARES BARBOSA (SP) — Coordenou, em julho, o programa de treinamento de professores de arte/educação, uma das inovações do Governo Franco Montoro na organização do Festival de Inverno de Campos do Jordão.

(THOMAS FARKAS)

(THOMAS FARKAS (SP)) — Esteve em Luanda, Angola, na primeira semana de julho, onde representou a INTERCOM no Festival de Cinema Brasileiro, ali promovido por instituições culturais angolanas.

SERGIO MATTOS (BA) — Foi nomeado diretor do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia — IRDEB, tendo tomado posse no cargo no dia 25 de maio.

JERUSA PIRES FERREIRA (SP) e **ROBERTO BENJAMIN (PE)** — Participaram do Primeiro Seminário sobre Literatura de Cordel, promovido em Salvador, na semana de 13 a 17 de junho, pela Fundação Cultural do Estado da Bahia.

DANIEL HERZ (SC) — Defendeu tese de mestrado junto ao Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília.

JOÃO CLODOMIRO DO CARMO (SP) — Está atuando, na Folha de São Paulo, como repórter da "Folha de Informática", onde vem dando cobertura às novas tecnologias de comunicação.

IDMÉA SEMEGHINI SIQUEIRA (SP) — Coordenou a I Exposição de Cartazes: Arte & Linguagem, realizada pelos alunos do 4º ano de Letras do Instituto Alberto Mesquita de Camargo das Faculdades São Judas Tadeu, em São Paulo.

NOTICIÁRIO DAS ESCOLAS DE COMUNICAÇÃO

UFES — O Departamento de Comunicação Social da UFES promoveu em abril o I Seminário de Estudos da Comunicação, que teve como tema central Comunicação Rural.

UNICAP — O Departamento de Comunicação da Universidade Católica de Pernambuco está oferecendo o I Curso de Especialização em Comunicação Social e Política, desde agosto, sob a coordenação do professor Marcelo Carvalho dos Santos. Trata-se de curso pioneiro na região e destina-se a docentes da área de Comunicação, jornalistas profissionais e diplomados em cursos de ciências sociais.

ANHEMBI-MORUMBI — A Faculdade Anhembi-Morumbi promoveu em maio sua III Semana de Comunicação, que teve como tema "O Humor na Comunicação".

IMS — O Mestrado em Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior, em São Bernardo do Campo (SP), promove nos dias 26 e 27 de setembro o seu I Simpósio sobre Comunicação, Ciência e Cultura, que tem a finalidade de reunir estudantes e professores que se dedicam à pesquisa em comunicação no Brasil, além dos profissionais interessados, para discutir temas emergentes da conjuntura brasileira. São 4 os temas escolhidos para o Simpósio: 1) Comunicação Rural: da extensão à participação, 2) Notícia Científica: da neutralidade ao compromisso social, 3) A Publicidade Transnacional na Cultura Brasileira, 4) 60 Anos de Rádio no Brasil. Informações sobre o evento podem ser pedidas para: IMS — Mestrado em Comunicação Social — Rua Sacramento, 230 — Rudge Ramos — 09720 São Bernardo do Campo — SP.

ECA-USP — A Comissão de Pós-Graduação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo vai promover nos dias 23, 24 e 25 de agosto em Fórum de Debates que fará a avaliação dos 10 Anos dos Cursos de Pós-Graduação daquela Escola. O evento está marcado para o período da tarde e contará com a participação de professores e alunos, além de convidados. Informações: ECA-USP/CPG — Av. Prof. Lucio Martins Rodrigues, 443 — 1º andar — Fone: 814-6211 — São Paulo — SP. O Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP está organizando para a primeira semana de outubro a V Semana de Estudos de Editoração que tem o seguinte tema central: "Adeus a Gutenberg? A Editoração diante das novas tecnologias da comunicação". O evento estará aberto à participação dos interessados, havendo porém número reduzido de inscrição. Informações: ECA-USP/CJE — Av. Prof. Lucio Martins Rodrigues, 443 — Bloco A — Fone: 814-6211 — ramal 24 — São Paulo — SP.

UFRPE — O Mestrado em Comunicação Rural da Universidade Federal de Pernambuco realizou, no dia 12 de julho, solenidade de defesa da dissertação de mestrado de Luis Custódio da Silva, que apresentou o trabalho "A Influência do Rádio na dinâmica cultural das Cantorias no Estado da Paraíba". A Banca Examinadora foi integrada pelos professores doutores Roberto Benjamin, Raimundo Dall'Agnol e Jerusa Pires Ferreira. O candidato foi aprovado com a nota máxima. Tanto os membros da Banca quanto o candidato são sócios da INTERCOM.

UNB – O Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília vem publicando trabalhos dos seus professores sob a forma de *Cadernos*, mimeografados, que circulam também em outras escolas, em sistema de intercâmbio. As duas últimas edições encaminhadas à INTERCOM são de autoria do Professor J. B. Serra e Gurgel: "Cronologia da Evolução Histórica das Relações Públicas" e "Evolução das Relações Públicas no Contexto Histórico da Comunicação Social".

UNISINOS – O Instituto de Comunicação Social está planejando a realização de cursos de especialização, nas férias, nas áreas de Ciências da Comunicação e de Rádio.

UNIMEP – Está em estudo o retorno das atividades didáticas nos campos de Relações Públicas e de Publicidade. No vestibular de 1983 apenas o curso de Jornalismo recebeu novos alunos.

CÁSPER LÍBERO – O curso de pós-graduação em Jornalismo está sendo reavaliado e restruturado. O reinício das atividades, prevista para agosto, depende da matrícula dos candidatos, que em março não atingiu número considerado suficiente do ponto de vista financeiro.



SEMINÁRIO SOBRE POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS E CONCESSÃO DE EMISSORAS DE RÁDIO E TV

Promoção: INTERCOM

Departamento de Jornalismo e Editoração
da Escola de Comunicação da USP.

Revista Crítica da Informação

Datas: 28, 29 e 30 de setembro.

Horário: 14,00 horas

Local: Departamento de Jornalismo e Editoração
da Escola de Comunicação da USP.

Inscrições: Tels.: 549-5106 ou 814-6673 - R. 24.



JORNADAS IMPERTINENTES: A QUESTÃO DO OBSCENO.
22 A 27 DE AGOSTO/83 NA ECA/USP — A PARTIR DAS 19:30.
INFORMAÇÕES: FONE: 814-6211 R. 57

PUBLICAÇÕES INTERCOM

Livros

- Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação (1979)
- Comunicação e Classes Subalternas (1980)
- Populismo e Comunicação (1981)
- Comunicação, Hegemonia e Contra-Informação (1982)
- Pesquisa em Comunicação no Brasil: tendências e perspectivas (1983)
- Teoria e Pesquisa em Comunicação: parâmetros latinoamericano (1983)
- Temas Básicos em Comunicação (1983)

Monografias

- Jornalismo científico e dependência: o caso brasileiro (182)
- Quem é quem na pesquisa em comunicação — Brasil, 1982/1983

Cadernos

- 1 — Jornalismo Popular (1982)
- 2 — Televisão, Poder e Classes Trabalhadoras (1982)
- 3 — Comunicação Latinoamericana: reforma/revolução (1982)
- 4 — Novas tecnologias de comunicação e educação: usos e abusos (1982)
- 5 — Carnaval brasileiro: comunicação de massa ou folkcomunicação? (1983)
- 6 — História e Comunicação: desafios à pesquisa (1983)

Bibliografias

- Bibliografia Brasileira de Comunicação nº 1 (1977)
- Bibliografia Brasileira de Comunicação nº 2 (1978/1979)
- Bibliografia Brasileira de Comunicação nº 3 (1980)
- Bibliografia Brasileira de Comunicação nº 4 (1981)
- Bibliografia Brasileira de Comunicação nº 5 (1982/1983) — no prelo

Boletins

- Nº 0 — (março/1978) a 34 (Nov/Dez. — 1981) — Esgotados
- Nº 35 — A pequena Elis e sua grande obra
- Nº 36 — CFE: soluções equivocadas para o ensino de comunicação
- Nº 37 — Figueiredo na Globo
- Nº 38 — Televisão, futebol e controle social
- Nº 39 — O império do silêncio
- Nº 40 — A derrota da farsa
- Nº 41 — Rádio e Revolução em El Salvador
- Nº 42/43 — Meios de comunicação e novos governadores: um início tenso
- Nº 44 — Marx, Bolívar e a comunicação

Pedidos para: INTERCOM — Caixa Postal 20793
São Paulo 01498 — São Paulo — SP